



Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Educação

Curso de Formação para Professores Indígenas

Werly Pinheiro de Abreu (Dogllas)

Onde houver Xakriabá, haverá resistência!

Violações dos direitos indígenas no caso Xakriabá durante a
Ditadura Militar

Belo Horizonte – MG

2018

Werly Pinheiro de Abreu (Dogllas)

Onde houver Xakriabá, haverá resistência!

Violações dos direitos indígenas no caso Xakriabá durante a
Ditadura Militar

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Minas Gerais, como
requisito parcial para obtenção ao Título de
Licenciado em Formação Intercultural para
Educadores Indígenas, habilitação Matemática.

Professor Orientador: Paulo Maia e Pedro
Rocha

Belo Horizonte – MG

2018

Agradecimentos:

Quero agradecer primeiramente a DEUS por possibilitar a construção desse trabalho, á toda minha família, que sempre me apoiou nas minhas lutas e durante todo o meu processo de formação, em especial minha mãe e meu pai JOÃO BATISTA ABREU e NEUZA PINHEIRO DE ABREU. Ao meu povo Xakriabá, que com sua luta, resistência e força, permitiu que essa história fosse contada oralmente pelos grandes guerreiros ao olhar do índio Xakriabá sobre a luta pela terra.

Devo sinceros agradecimentos a pessoas especiais que contribuíram de forma direta pelo resultado de todo esse trabalho, e tenho orgulho em destacar aqui seus nomes. Ao primeiro e único, que integrou o maior grupo de guerreiros indígena Xakriabá, e que se destacou como uns dos maiores benfeitores do povo Xakriabá, a quem tenho a maior gratidão e respeito, JOSÉ PEREIRA LOPES (ZÉ DE BEM-VINDO), da aldeia Forges, que se mostra até os dias de hoje um exemplo de líder íntegro e humilde. Deixo aqui firmado também os agradecimentos aos irmãos e liderança JOZÉ FIUZA DA SILVA e ROSALVO FIUZA DA SILVA, exemplos de pessoas, a quem tenho orgulho de chamar de tios.

Deixo aqui também meus agradecimentos ao cacique DOMINGOS NUNES DE OLIVEIRA, que contribuiu para esse trabalho; agradeço às mulheres indígenas Xakriabá, que integraram os grupos mulheres guerreiras que preencheram essa força de resistência contra a opressão do povo Xakriabá, a dona ELISA NUNES DE OLIVEIRA e VILMA NUNES DO SANTOS, que me acolheram em suas casas e me presentearam com sua história de vida e de participação da mulher indígena na luta pela terra.

Agradeço à UFMG e a toda equipe do FIEI: bolsistas, secretárias, coordenadores e professores, em especial aos meus orientadores PEDRO ROCHA E PAULO MAYA, que contribuíram muito para o resultado desse trabalho, cedendo o máximo de seu tempo e dedicação na construção e finalização do mesmo.

Resumo

Este trabalho busca apresentar as frentes de luta indígena Xakriabá no âmbito das invasões da sua terra, relacionando a violação de direitos indígenas e o período da Ditadura Militar no Brasil. Traz fatos que demonstram que havia violência contra homens e mulheres indígenas Xakriabá, procurando explicitar a ligação entre as ações da polícia militar, o alongamento do processo de demarcação da terra Indígena Xakriabá, e a impunidade dos fazendeiros com a violência contra o indígena Xakriabá. Este trabalho faz o uso de entrevistas, com comentários e afirmações a partir das mesmas. Dos relatos colhidos pode-se deduzir que as violências sofridas pelos indígenas Xakriabá, a ação das milícias da polícia, os ataques pelos fazendeiros, as agressões sofridas e a dificuldade de demarcação da terra indígena, tinham relação direta com administração pública durante a ditadura militar, e com o chefe da Ajudância Minas-Bahia, órgão regional da FUNAI, o então Capitão Pinheiro.

Palavras chaves: Povo Xakriabá; Violações de Direitos; Ditadura Militar, Demarcação terra Indígena Xakriabá.

Sumário

Introdução:.....	6
Capítulo 1. Dados gerais sobre o povo Xakriabá.....	8
1.1. Descrição do Território.....	8
1.2. Organização social: convívio e religião.....	10
1.3. Sobrevivência.....	11
1.4. A vida do povo Xakriabá antes das “invasões de terra”.....	12
Capítulo 2. Anos 20 aos anos 90; violações dos direitos indígenas Xakriabá:.....	18
2.1. Invasões de terra, Violências, conflitos, agressões e morte.....	18
Capítulo 3. <i>Então que se faça nem que for pelo sangue!!</i>	27
Capítulo 4. <i>Eis que os que deviam proteger não protegiam</i>	32
4.1. Polícia corrompida e o povo Xakriabá deixado ao acaso.....	32
Considerações Finais.....	50
CADERNO DE IMAGENS.....	51
Bibliografia:.....	60

Introdução:

A história de luta e de resistência do povo indígena Xakriabá do norte de Minas Gerais, teve em uma de suas tristezas, o reencontro com um povo que não os compreendiam. Como na maioria dos encontros entre índios e não índios ocorridos na história do Brasil desde 1500, este também terminou em massacres de povos, famílias, culturas e tradições.

No âmbito dessa história, procurei trazer, neste trabalho de conclusão de curso, a violência contra o povo Xakriabá no período da Ditadura Militar no Brasil, na visão e narrativa de nossos antepassados. Nosso povo tem, em sua trajetória de existência, inúmeras ocorrências de luta e resistência contra a violação de seus direitos. Uma dessas batalhas, inclusive, foi registrada em um livro¹ produzido pelos próprios índios Xakriabá, que conta a história da chacina do cacique Rosalino Gomes de Oliveira.

Dentro dessa mesma história de luta e de resistência do povo indígena Xakriabá, procurei trazer certos acontecimentos, que não foram contados, e que provavelmente foram um dos motivos pelos quais se deu o massacre quase que por completo da cultura e tradição de um povo indígena. Trago, neste trabalho, a ligação do momento político do Brasil (Ditadura Militar) com o massacre do povo indígena Xakriabá, destacando a luta e a resistência do povo Xakriabá, as violações de direitos, o envolvimento e a corrupção de órgãos públicos, como a polícia militar, administração públicas e secretárias.

Assim, este trabalho está organizado em formato de linha de tempo contando a história do povo Xakriabá a partir de sua instalação no território onde se situa hoje o município de São João das Missões. Mas o leitor vai fazer, durante a leitura, umas idas e vindas no

¹ Estou me referindo ao livro *O tempo passa e a história fica*, de autoria dos pesquisadores Xakriabá.

tempo para melhor o entendimento dos fatos. Há muitos casos isolados de violência contados por índios de várias aldeias, e devido isso, algumas partes do texto voltam muitas vezes na história para te trazer todos os fatos importantes ocorridos durante o período.

No capítulo 1 falo sobre a vida do povo antes, durante e depois das “invasões”: o que comiam, como viviam e o que faziam, sobre organização política, costumes e tradições. Explico também um pouco sobre as mudanças ocorridas devido no modo de vida depois das invasões e das lutas pelo território.

No capítulo 2 trago ao leitor um panorama da história das invasões de terra, dos conflitos, das injustiças das lutas, e de morte. Este capítulo cobre os acontecimentos que tiveram lugar ao longo do século XX.

No capítulo 3 dou relevo aos grandes líderes indígenas, que se destacaram como gigantes, guerreiros Xakriabá. Falo de suas lutas, suas viagens, suas dificuldades e suas tristezas.

No capítulo 4, deixo registrada um pouco da minha indignação com a polícia militar da época. Falo da ação da polícia contra o povo, sobre a polícia corrupta e sobre o desdobramento desses fatos, o que causaram ao povo indígena Xakriabá.

Capítulo 1. Dados gerais sobre o povo Xakriabá

1.1. Descrição do Território

O povo Xakriabá vive hoje no extremo norte de Minas, no município de São João das Missões, em um território com aproximadamente 53 mil hectares de terra, incluindo terra Xakriabá/Rancharia (TIX/R), como retratado no mapa abaixo:

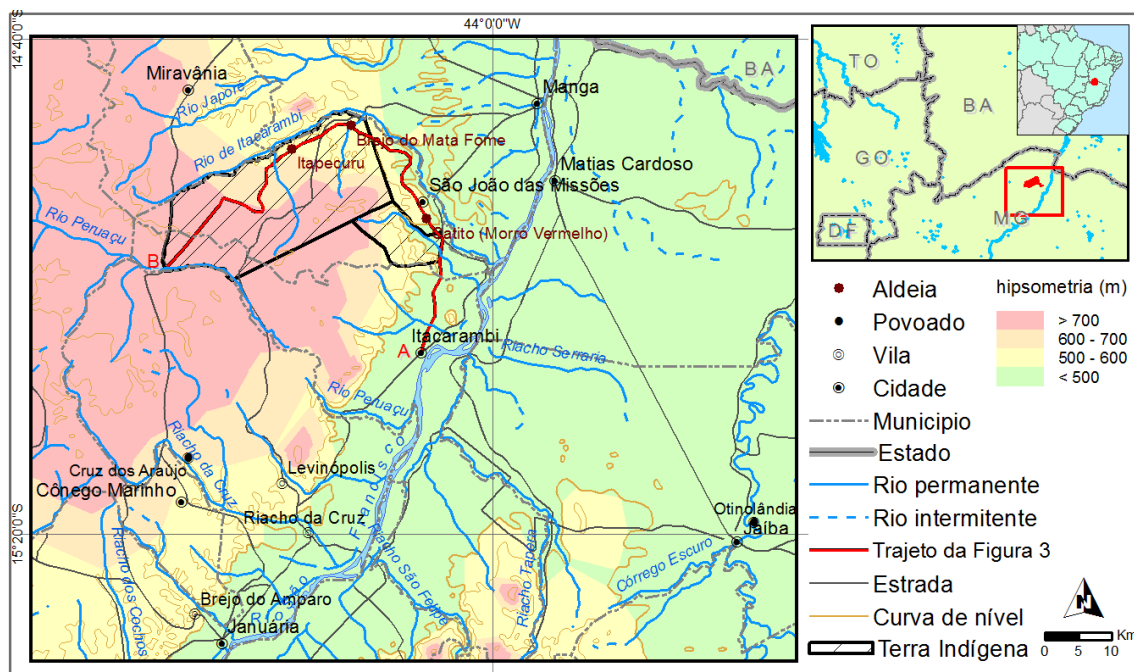


Figura 1: Mapa da Terra Indígena Xakriabá, Xakriabá-Rancharia e arredores. Fonte: Santos & Barbosa, 2012.

O norte de Minas gerais, onde está localizado nosso território, é uma região seca e árida. A Terra Indígena demarcada possui cerca de 53 mil hectares, e fica a poucos quilômetros do rio São Francisco. Possui algumas cidades em seu redor, como São João das Missões, Manga e Itacarambi.

O território está localizado em uma região rochosa e montanhosa, com poucas regiões planas. A terra apresenta uma textura de cor avermelhada, mudando um pouco apenas

em lugares pantanosos e arenosos. Possui poucos rios e riachos, mas tem muitas nascentes e olhos d'água. O tipo de vegetação é constituído por caatinga e cerrado; a caatinga é conhecida por nós índios residentes no local como mata seca, pois em época de seca as árvores caem as folhas dando a impressão de estarem mortas. Há diferentes tipos de mata seca, e a diferença depende do local em que se encontra. Por exemplo: em locais úmidos ou com abundância de água, como as beiras de riachos e encostas dos morros, as árvores apresentam uma estatura mais alta e são mais grossas, ao contrário das outras que estão em locais mais altos, planos ou mais secos, em que as árvores são baixas e finas, e geralmente se entrelaçam umas às outras. As árvores mais comuns na mata seca são: aroeira, braúna, umbu, e a mais conhecida, a jurema e a imburana, usadas como remédios por nós.

O cerrado tem como característica o terreno arenoso de cor que varia entre o vermelho e o amarelo, e é conhecido da região como tabuleiro. Suas árvores são baixas e extremamente tortas e retorcidas, com folhas lisas e cascas grossas. Nele se encontra cabeça de nego, cagaita e o pequi, que são frutos bem conhecidos pelos moradores. A procura desses alimentos para consumo próprio é muito praticada, além de sua coleta com destino a venda para complemento da renda familiar.

Na época das águas que ocorre geralmente entre os meses setembro e fevereiro, a paisagem muda radicalmente, e as árvores passam de uma cor cinzenta e empoeirada para um tom de verde escuro, variando em cores verdes claras e flores com cores fortes. Então tudo muda, dentro da mata a entrada de luz se fecha quase por completo devido as novas e folhagens das árvores, e a mata passa de um lugar visivelmente claro, para um lugar turvo e úmido. E ao longe se vê as arvores formando uma espécie de cobertor verde sobre elas mesmas. Os riachos transbordam e enchem as planícies próximas, as lagoas e as grotas se enchem, e os pássaros cantam, e os índios se alegram quando a chuva canta com o vento, e se choca e se arrasta pelo telhado de suas casas. Para o povo Xakriabá, e para os animais, a época de chuva simboliza renascer da vida, em sons e cores radiantes, alegria e fartura, onde os animais e as pessoas celebram a beleza a fartura.

São encontrados em todo território vários tipos de animais como mamíferos, aves e répteis. Dentre estes há animais que se destacam por serem encontrados em quase em

todo o território indígena, como: o tatu, caititu, mixila (tamanduá mirim), veado, répteis como o lagarto teiú, as cobras tipo as jibóias, e pássaros como lambú (nambu), codorna, rolinhas de vários tipos, periquitos, papagaios e jandaias.

Existem outros animais que tem uma representação cultural e espiritual muito respeitada, e são compreendidas pelo povo Xakriabá como animais sagrados. Entre estes estão: O João de barro, que adivinha chuva, e junto a ele também tem o sabiá, o priangú (bacurau) e insetos, como a cigarra, todos eles considerados sagrados e que adivinham chuva.

1.2. Organização social: convívio e religião

Nossa terra é dividida atualmente em trinta e quatro aldeias, e a população organiza-se por aldeia. Em todo o território existem apenas quatro caciques e uma liderança para cada aldeia. Tanto o cacique como as lideranças são escolhidos a partir de vários fatores, como, por exemplo, descendência de família, o respeito que recebe da comunidade, por ter contribuído para o desenvolvimento do grupo social, por ser mais velho e conhecedor, ou por ser escolhido pelo pajé ou ancião da aldeia. Esses caciques e essas lideranças são responsáveis por se organizarem para tomar decisões que irá beneficiar todo povo ou comunidade de cada aldeia. Os caciques e lideranças têm o poder de tomar certas decisões pela comunidade, mais é requerido pelos mesmo que a comunidade participe de forma intensa nas reuniões e organizações sociais, principalmente nas reuniões das associações indígenas, que representam a parte forte da comunidade, que é o trabalho em conjunto. As associações trazem vários benefícios para comunidade, como projetos e geração de renda.

O povo Xakriabá ainda tem como característica própria a religião e a crença. Muitos Xakriabás têm religiões adotadas como a católica e evangélica, advindas da colonização européia. Mas o povo ainda mantém um pouco da sua cultura indígena. Mesmo que muito mudada, ela se mantém forte e em busca de fortalecimento. Muito destas crenças e religiões ainda persiste em meio as tecnologias e as religiões colonizadoras, destaco as crenças nos espíritos da natureza e nas formas de curas tradicionais. Dentre estas crenças estão a prática das rezas e orações para limpeza do corpo e espírito, e também

as forças das plantas medicinais e partes de animais da mata, muito usados pelo povo na cura de doenças.

O povo possui como protetor de todos os males a YAH YAH CABOCA, espírito protetor que vagueia pela mata em forma de onça pintada, e que se transforma em índia para se misturar com o povo Xakriabá nos momentos de reza e oração. Ela se apresenta para pessoas que realmente merecem vê-la, como líderes espirituais como pajé, e fica invisível aos olhos dos estranhos e pessoas que não a mereça. Existem também outros espíritos da natureza que convivem entre o povo Xakriabá e que são protetores dos segredos, da natureza e do povo Xakriabá, entre estes estão o Dono da Mata, a mãe d'água e o Caboco d'água.

1.3. Sobrevivência

Uma importante fonte de renda do nosso povo é o corte de cana e também a colheita de café nas grandes indústrias. Há também aqueles que ainda vivem da agricultura familiar tradicional, que se encontra em pouca produção pela escassez água e de chuva na região. Existe também a renda oriunda de salários como servidores nas instituições públicas como, nas escolas indígenas e nas unidades básicas de saúde (UBS), quase todas administradas pelos próprios indígenas e dentro e fora da Terra Indígena. Quase todas as aldeias possuem escolas, mas são poucas que tem o ensino médio.

Muitos outros contribuem com a renda familiar trabalhando em plantações de banana, limão e tomate, sem carteira assinada ou auxílio. Nestes serviços raramente são fornecidos equipamentos de proteção, e muitas vezes o próprio trabalhador se vê na obrigação de comprar seu próprio equipamento. Muitas vezes crianças e jovens indígenas Xakriabá vão trabalhar nesses ambientes, seja para contribuir na renda familiar ajudando seus pais, ou por necessidade de uma vida melhor. Os transportes dessas pessoas são muito precários, não fornecia nenhum tipo de segurança, outras vezes eram feitos o transporte em caminhões aberto sem nenhuma proteção. E isso acontecia quando tinha o transporte, pois era frequente e natural os índios irem até o serviço a pé no meio da madrugada, caminhavam longas distancias até o serviço. Muitas vezes iam mulheres com filhos pequenos outras vezes apenas as crianças com outras crianças, muitos com 8, 9 até os 15 anos. Muitos jovens deixam a escola ou

comprometem os seus estudos para ir trabalhar fora da aldeia, na esperança de conseguir uma “vida melhor”.

Na questão da ocupação das famílias nos devidos locais de moradas e de produção agrícola, depende muito de alguns fatores que determina o local de cada familiar se instalar e produzir, como por exemplo: depende de se a família em questão vive no local desde suas gerações passadas, se o local até o momento de sua instalação não havia moradores no local. Esse tipo de organização é muito respeitado por todos os moradores, tanto que ninguém ocupa o local de morada de uma outra família sem conversar com o morador pertencente a terra em questão. Isso ocorre devido ao respeito mútuo entre as famílias por pertencerem ao mesmo povo. Quase em todas as comunidades indígenas Xakriabá tem a presença de cercas, tanto de arame farpado quanto de arame liso ou de madeira. Isso não ocorre para afirmar que o local cercado e pertence ao morador local ou para impedir de outros moradores invada, já que isso não ocorre. Esse uso da cerca serve apenas como barreira para proteger e impedir que certos tipos de animais de criação de grande e pequeno porte invadam tanto sua produção agrícola, quanto o terreiro da sua própria casa, já que muito indígenas tem como fonte de renda, a criação de gado, porco, cavalo, galinhas entre outros animais. É de obrigação de quem possui a criação, criar um local específico para esse animal, mas quando o proprietário não apresenta condições de manter o animal longe das plantações ou da moradia do outro indígena, o mesmo é forçado há instalar para proteger sua casa e garantir sua plantação.

1.4. A vida do povo Xakriabá antes das “invasões de terra”:

A história conta que essa terra foi uma “doação” feita pelo fazendeiro e “administrador dos índios” Januário Cardoso de Almeida, ocorrida em 1728. Mas essa “doação”, contudo, era ela mesma uma pequena parte do próprio território tradicional do povo Xakriabá, que foi tomado por ele e por outros fazendeiros. Sua intenção era nos manter juntos e perto, para facilitar o controle sobre o povo, com propósito de consolidar o roubo do território, e ao mesmo tempo prover mão de obra fácil e barata, como pode ser atestado pelo “termo de doação” do referido “*deministrador dos índios da Missão do Snr S. João do Riixo do Itacarambi*” (Oliveira, 2017):

Januário Cardoso de Almeida Brandão deministrador dos Indios da Missão do Snr S. João do Riixo do Itacaramby Ordena o Cap. [m] Mandante Domingos Dias ajunte todos os índios tantos maxos como feméas Q andarem por fora p[a] ad-missão com zello e cuidado os que forem rebeldes fará prender com cautela para irem para ad-missão Copio e Christão e zello, Mandando-lhe ensinar a Doutrina pellos os q- mais soberem os doutrinatos que vivão bem e se cazem os Mancebados não tendo empedimento ou avendo empedimento fazendo se caze com outro q não tenha empedimento fazendo os trabalhar p[a] terem qi comer e não furtarem e o q_ for rebelde a esta dutrina que expendo neste papel os prenderá castigará como merecer sua culpa e quando cassar algum ensolente ou levantado fará prendellos e trezellos a m^a prez[ça] para lhe dar o castigo conforme merecer porque feito tenho ordem de q[m] pode para castigar e prendellos e tirar o abuso de serem bravios e espero do S[n] Cap[m] assim o faca como assim determino e do contrario por ele e pelos mais e isço dei terra com sobra para não andarem pra as fasenda alheia do Riixo do Itacaramby asima até as cabiceira s e vertente e vertentes e descanco extremado na Cerra Geral para a parte do peruaçú extremado na Boa Vista onde desagua para lá e para cá e por isso deilhe Terra com Ordi de nossa Magestade já assim não podem andarem pelas fasendas alheias incomodando os fazendeiros—missões para morada o brejo para trabalharem Fora os gerais para suas cassada e meladas. Arraial de Morrinhos, 10 de fevereiro de 728 digo 1728. Administrador Januario Cardoso de Almeida Brandão (Certidão Verbum-Adverbium – Uma doação – apud OLIVEIRA 2008)

Após esta “doação”, os índios Xakriabá passaram a residir apenas nesta parte do território, que se tornou pequeno e com poucos recursos naturais em comparação com o seu território original de ocupação. Mas, mesmo neste território, o povo Xakriabá provou que era lutador e que tinha como características a resistência e a capacidade de viver de poucos recursos disponíveis no ambiente.

Depois de sua instalação nas terras determinadas por Januário Cardoso de Almeida, os índios Xakriabá continuaram meio “isolados”, pois a terra se situava em um lugar de difícil acesso. O ambiente do local possuía suas próprias barreiras naturais, como morros rochosos largos e compridos, e florestas muito fechadas. Em muitos desses lugares de mata fechada as árvores possuíam espinhos e se entrelaçavam, se tornando densas demais, e também havia lugares pantanosos, que em época de chuva se enchiam e ocupavam grandes distâncias de terra, formando rios e lagos profundos. E isso contribuía para que dificultasse o contato do não índio, que viviam nas comunidades próximas, com o território Xakriabá e, conseqüentemente, com os índios Xakriabá.

Mesmo neste ambiente, que possuía pouco fornecimento de alimento, os índios se multiplicaram e continuaram suas vidas. Praticando sua cultura e pregando sua crença entre eles, continuaram a viver da caça, da pesca, da coleta e da agricultura. O índio Xakriabá utilizava de suas habilidades como nativos para caçar, pescar, plantar e construir suas casas.

As práticas da cultura, da língua materna e de sua própria religião continuaram entre o povo mesmo depois dos primeiros contatos registrados com os não índios. Muito dessa cultura permanece no povo até os dias de hoje. Muitas partes foram modificadas pelo tempo e pelo modo de vida, mas em muitos aspectos permanece como antes, por exemplo: coisas da ciência que envolve o plantio, o corte de cabelo, e falar com os espíritos da natureza, tratar com os animais, tratar com a água, com a terra, entre outros. A língua materna Xakriabá era a língua falada pelo povo Xakriabá. Pertencente ao tronco linguístico Macro-jê, e à família linguística AKWEM, a qual pertencem também as línguas do Xerente e Xavante, a língua Xakriabá era usada como língua principal pelo povo Xakriabá ainda por muito tempo depois dos primeiros contatos com Mathias Cardoso, no século XVII .

Difícilmente os casais do povo Xakriabá, casados em sua própria cultura e costume, tinham menos de cinco filhos. Era comum na vida dos índios Xakriabá ter na família um número grande de indivíduos. Alguns casais chegaram a ter cerca de 20 filhos. Fazer um número grande de filhos, naquela época, entre os Xakriabá, significava status de grandeza entre os homens, de grandeza ou de poder, de capacidade e resistência. Mas

isso não interferia nas decisões políticas do grupo. Nas muitas vezes o número de filhos era grande, devido ao fato de que os filhos serviam também como mão de obra do grupo. Por isso muitas vezes o pai torcia para que nascessem filhos homens, pois eram de grande ajuda nas atividades consideradas masculinas pelo grupo, como caçar e trabalhar nas plantações. Os filhos homens começavam desde cedo a trabalhar na roça com seus pais, na derruba e limpa da plantação, e era do costume as mulheres irem à roça apenas na época da colheita, para ajudar. As mães, por sua vez, torciam para que seus filhos nascessem meninas, para que também tivesse uma ajuda nos afazeres considerados femininos; como, por exemplo, cuidar da casa, dos irmãos menores e fazer o de comer, entre outros.

As suas casas eram geralmente pequenas, para que não ficassem tão visíveis aos olhos estranhos ou animais selvagens, e para se aquecerem durante a noite. Essas casas eram construídas usando somente matérias da própria natureza, como, por exemplo, varas amarradas com cipó e coberta com sapé, de cascas de árvores, capim, enchimento ou de pau-a-pique. Às vezes utilizavam também as grutas e locas dos morros como moradias.

Os animais de caça mais comuns e mais fáceis de capturar que entravam na cadeia alimentar dos Xakriabá era a cutia, tatu, tamanduá, mixila, caititu, veado, tiú (teiú), lambú (nambu), codorna entre outros. Também tinha a pesca, mas como a terra não tinha abundância de rios e lagos, apenas alguns riachos, acabavam que tinha um pouco de dificuldade em adquirir alimento vindo da pesca. Mesmo com essa dificuldade de escassez de peixes os índios ainda usavam a prática da pesca em alguns pequenos rios e lagos. Os peixes mais comuns eram os bagres, piaba, traíras, crumatá (curimatã), dentre outros.

Na prática da agricultura tínhamos vários métodos de plantio e de coleta. Tínhamos e temos até hoje vários tipos de sementes criolas, como o milho, feijão, arroz, andu e leguminosas, como vários tipos de abóboras e batatas. O respeito ao espiritual envolvido no plantio era muito grande, tinha o dia e a hora certa para cada afazer na roça, para derrubar, queimar, plantar e colher. E muito dessa ciência existem até hoje na prática do plantio Xakriabá.

Ainda hoje a coleta de frutos é importante para o modo de vida do povo Xakriabá, com a atividade do extrativismo gerou uma certa valorização econômica na coleta de frutos, no mel de abelha e de raízes comestíveis. Dentre essas há a taioba, coquinhos do cerrado e da caatinga, cabeça de nego, banana, jatobá, pitomba, cagaita, maracujá, cará e raiz de umbu, mel de abelha africana, de jataí, mundurucu, cupinheira e arapuã.

As limitações no seu território advindas do esbulho praticado por Januário Cardoso de Almeida acabaram gerando uma grande diminuição do território tradicional Xakriabá, levando os índios a abandonarem muitos dos recursos naturais existentes às margens do rio São Francisco. Recursos como a caça, pesca e, principalmente, o uso de plantas medicinais que existiam apenas naqueles ambientes.

Mesmo tendo que usufruir de apenas uma parte mínima do seu território, os Xakriabá não deixaram de praticar sua cultura. Faziam e ainda fazem o uso das plantas medicinais, algumas fáceis de serem encontradas e outras que passam despercebidas aos olhos, por serem muito difíceis de serem achadas na natureza. Essas plantas eram e são muito usadas na cura de várias doenças, tanto corporais como espirituais.

Os Xakriabá também faziam o uso da produção de vestimentas a partir do cultivo do algodão e produção de lã. Teciam suas próprias roupas simples, que cobriam as partes íntimas, e cobertores para se aquecerem durante a noite. Também faziam o uso das peles dos animais como vestimentas e utensílios de uso próprio, como embornal e cestos.

A arte da produção de cerâmica, vasilhas de madeira, cestos de cipós e palhas, e de armadilhas, que é muito comum em quase todos os povos indígenas do Brasil, também não é diferente no Xakriabá. Essas práticas foram e ainda são muito utilizadas na vida do nosso povo, como a produção de potes, pratos, copos, cestos de cipós e palhas, peneiras, esteiras, saias, e gamelas de madeira, bordunas, arco e flecha, jequi. Como conta Seu LAURINDO GOMES DE OLIVEIRA, de 97 anos (02/12/1926), liderança e ancião da aldeia Olhos D'água que vive na comunidade desde nasceu (anos 1920), respeitado por todos e que foi um dos mentores que lutou à frente na luta pela terra, explica, em um pequeno trecho, como era a vida dos Xakriabá antes das “invasões”:

Tinha muita caça aqui, o animal que tinha mais aqui era o caititu e o veado, era o mais caçado e mais fácil de achar e matar. Aqui também tinha a anta né. Teve um dia que eu me deparei com um rasto de uma ali em cima no carreiro que nos passava, era muita linda grandona. O povo era pouco e as pessoas respeitavam as caças então rendiam muito os animais. Depois que o povo foi rendendo as caças foram acabando se afastando daqui né? Se fosse pra nós viver hoje da caça igual antes morria de fome porque não tem mais animais como antigamente. Não acha nem mais caça nem cara e nem taioba. A cará era tipo uma batata grande tipo uma bola. Parecida com a raiz do umbu.

Antes tinham alguns peixes como traíras, bagres e “cromatá”(crumatá). As casas era uma simples feita de pau-a-pique com vara e barro. Muitas vezes coberta com palha de sapé ou casca de “podarco” (pau-de-arco) IPÊ.

Naquele tempo ainda não tinham coberta de pano desse tipo que a gente tem hoje. Tinha as mulheres que teciam as próprias roupas né. As roupas os shorts e as cobertas eram assim. Demoram muito para fazer uma coberta mais mesmo assim faziam principalmente para as crianças né. A gente andava de pé não tinha animal como cavalo gado essas coisas... nos andávamos de pé por dentro dos matos, nos carreiros e nos ia longe dessa forma.

*Trecho da entrevista com Seu Lorindo Gomes de Oliveira.
(Aldeia olhos d' água em 19/08/2017)*

Esse modo de vida que para muitos não indígenas seria considerado simples e precário, para o povo Xakriabá era muito mais significativo e rico, e proporcionava uma nova chance de vida do seu povo mesmo que num espaço muito reduzido em relação ao seu território tradicional. A vida do povo Xakriabá nessa terra se prolongou por anos e anos até os dias de hoje. Mas não foi tão simples a vida do povo nessa terra, pois, em meados dos anos 60, olhos indesejáveis e de interesses duvidosos começaram a surgir às margens desse que era considerado o “NOVO TERRITÓRIO” Xakriabá. Daí por diante começou o roubo de terra e o massacre do povo Xakriabá, feito por aqueles que tinham interesse em suas terras.

Capítulo 2. Anos 20 aos anos 90; violações dos direitos indígenas Xakriabá:

2.1. Invasões de terra, Violências, conflitos, agressões e morte.

No início dos anos 20 o povo indígena Xakriabá já estava instalado neste pedaço de terra que estamos hoje, que corresponde apenas a uma parte do nosso território original tradicional, o qual se estendia até as margens do rio São Francisco. Como eu já disse, esse território era considerado uma doação feita por Januário Cardoso de Almeida; ficaram restritos a morar neste local e que reside até os dias de hoje.

Como afirma seu Lorindo Gomes, esse pedaço de terra em que hoje estamos, que já era, como eu disse, uma pequena extensão do nosso território tradicional, começou a ser novamente invadido ainda na década de 1930. As invasões começaram pela aldeia Pindaíba, por um tal de Tiorke, que logo após se instalar, retirou um grande pedaço de terra e derrubou a mata para colocar roça e pasto. Seu Lorindo me contou que nessa época ele era muito jovem, ainda menino, e que não podia sair com seus pais. Lembra muito bem de como sua mãe contava a ele sobre esse tal invasor. Abaixo, Seu Lorindo conta os detalhes de alguns fatos que aconteceram quando ele era pequeno.

Na época que começou as invasões, eu era pequeno, né? Foi um tal de Tiorke. Minha mãe que me contou como que ele era. Porque eu era pequeno eu não podia sair assim pros outros lugares. Isso foi em 1926 ouve essa invasão lá na pindaíba. Mais nos não conhecia de nada não sabia o que ele ia fazer. Depois esse TIORKE tirou um grande pedaço de terra e colocou roça né? Depois desse invasor demorou um tempo alguns anos aí foi que vieram muitos outros. ”

(Lorindo Gomes de Oliveira, 19/08/2017)

Os anos seguintes foram inseguros aos olhos dos índios Xakriabá, pois já vinham de um histórico conflitante com aquele invasor, e nem sabia o que podia acontecer em seguida. Mas o invasor ficou por muitos anos sem gerar qualquer tipo de conflito com os índios que moravam próximos, até o momento que o invasor, conhecido como Tiorke, decidiu estender sua fazenda por terrenos maiores, tomando assim mais espaço das terras

indígenas, cercando e colocando pastagens. Nesse momento começa a criar conflito, aumentando ainda mais insegurança e dúvida entre os índios. E essa sensação de insegurança durou por volta de uns 20 anos, até os anos 1940, quando começaram as outras invasões por outros fazendeiros no território. As novas invasões começaram por onde hoje é Traíras e vieram até a aldeia Brejo Mata Fome, Sapé, entre outras.

Nesse período que começava as invasões por pessoas advindas de outros estados e mesmo de cidades vizinhas, à procura de comida e lugar pra morar. De acordo com seu Lorindo, essas pessoas apresentavam estado de necessidades biológicas e não tinha lugar para residir, por isso não foram impedidos de morar naqueles lugares onde se instalaram, já que, na vista dos índios Xakriabá, não representavam até o momento perigo ou ameaça à vida e às terras indígenas; então por isso permaneceram na região onde hoje é Traíras, um lugarejo pertencente à cidade de Manga (MG). Como vemos na entrevista com Seu Laurindo,

As vendas de terras começaram depois que algumas pessoas de fora chegaram passando fome, dizendo que queriam apenas trabalhar. Ficamos sabendo muito tempo depois que a maioria era baiano. Quando eles pareceram por aqui os índios deixaram eles morar né? A eles uns pedaços de terra para que morassem. Plantassem para sobreviver. Mais não sabia que logo depois eles iam vende- lá fazendeiros tempos depois. ”

(Lorindo Gomes, 19/08/2017)

Nesse mesmo período de 20 anos entre os anos 40 e 60, outros fazendeiros e grileiros de terras começaram a invadir as terras indígenas, e começaram a criar fazendas e derrubar a mata para o plantio de capim para a criação de gado. Entre estas construções tinha o famoso curral de vara, muito citado em muitas entrevistas com os anciões Xakriabá. Más que será abordado mais à frente.

Nessa época é que basicamente começaram uma nova fase de conflitos por terra entre índios e posseiros e fazendeiros. Quando os fazendeiros chegaram e foram cercando e fazendo as ocupações, foram forçando índios e baianos assentados a sair do seu local de morada, e a procurar outros lugares para morar. Nessas formas de ocupação desses

posseiros forçando os índios a se mudarem de sua terra, os índios Xakriabá começaram a se revoltar com os fazendeiros, nisso acabou gerando brigas entre fazendeiros e índios.

Com essa ocupação forçada os fazendeiros forçaram os baianos que estavam instalados na traíras a venderem as terras em que estavam, e os baianos acabavam vendendo essas terras aos próprios fazendeiros por preços muito baixos, terras essa, aos índios Xakriabá pertenciam, e que foram ocupadas por eles. Conforme os fazendeiros iam comprando essas terras dos baianos, os mesmos iam se mudando acompanhando as margens do rio Itacarambi, e nisso ocupando terras indígenas Xakriabá, e essa ocupação se deu até onde hoje é aldeia Itapicuru. Os fazendeiros, visando conflitos com os índios, tentaram comprar as terras nas mãos de índios. Induzidos a vender as terras e sofrendo pressão das fazendas que os cercavam, e pelo medo de sofrer algum tipo de violência, alguns índios acabaram vendendo pedaços de terras para fazendeiros. Por não ter conhecimento de que era dinheiro. Eram enganados e recebiam mixarias pela terra. Muitas vezes os fazendeiros acabavam cercando uma parte muito maior do que aquela que tinham comprado.

Nisso de fazendeiros ocuparem terras e mais terras indígenas, os índios começaram a se revoltar contra essas invasões. Então que desses encontros indesejáveis entre fazendeiros e indígenas acabaram surgindo os conflitos. Como contou o ancião Laurindo Gomes:

Em seguida a venda de terra entre os baianos e fazendeiros acabou gerando conflitos por terra entre os baianos, nisso acabaram que os baianos começaram a passar para o lado de cá do rio Itacarambi, nisso entrando em conflito com os índios Xakriabá. Os homens que primeiro apresentou a causa primeiro foi eu mais o finado João Caitano da prata. Quando em 1968 Vicentim foi candidato a prefeito de missões. Missões ainda não tinha prefeito era só um povoadinho. Ai ele candidatou e ganhou. E esse povo que moravam na beira do Itapicuru até as beiras de Traíras começou a brigar por terra e a passar para o lado de cá. Do nosso lado. Ai como o Vicente era prefeito eles amontoaram encima do prefeito para que resolvesse essas questões. Mais como Vicente era uma autoridade fraca não tinha o poder para resolver as questões então ele decidiu repassar o problema para o

governo na época e registraram setenta questões e encaminharam ao governo. Quando o governo viu aquilo né. Despachou uma lei. A Rural Minas pra cá com o direito de lotear as terras. Para partir em partes pra cada um, e o restante ficava pro estado vender depois né?

(Lorindo Gomes 19/08/2017)

Quando esses conflitos por terra entre índios Xakriabá e os fazendeiros se tornaram frequentes, e as violências se tornaram abusivas contra os índios, vários líderes indígenas Xakriabá se destacaram na luta pelo seu povo. Dentre esses líderes estão alguns que ficaram marcados e que já mais serão esquecidos na história de luta pelo direito à vida do povo Xakriabá. Líderes esses que deram sua vida pelo seu povo e que dedicaram parte de sua vida em luta dos nossos direitos. Entre esses heróis indígenas estão o finado cacique Rodrigo Gomes de Oliveira (Rodrigão), Rosalino Gomes de Oliveira (Rose), Lorindo Gomes Oliveira (Lorindão) entre outros. Mas além desses tinham também outros como finado Zelão e Migué Carço, Pedro Geromo Gomes e Nai.

Nesse meio tempo em que os fazendeiros ocupavam as terras e a Rural Minas ainda não tinha chegado para fazer o loteamento das terras, os índios Xakriabá encontraram outros meios de proteger suas terras das invasões. Além de criar grupos indígenas para proteger as regiões de terra sem moradia apenas de mata e floresta, os índios Xakriabá notaram que os fazendeiros não invadiam locais de roça de plantação, na intenção de evitar conflitos de maiores proporções com os donos. Então tendo isso na mente, líderes como o cacique Rosalino Gomes e a liderança Zé de bem-vindo organizou grupos para colocar roças próximas as fazendas na tentativa de evitar que os fazendeiros continuassem a expansão da ocupação das terras indígenas.

Esse novo modo de evitar conflitos diretos com os fazendeiros era uma tentativa de preservar a vida dos seus parentes, já que as ameaças eram constantes a todos e não somente aos líderes dos movimentos indígenas. Os índios Xakriabá preservaram a integridade dos seus semelhantes, ao mesmo tempo em que continuaram com a mesma forma de manipulação da terra.

Entre 1960 e 1980 foram de muita angústia e de injustiças praticadas pelo governo do Brasil e principalmente de Minas Gerais com o povo Xakriabá, pois o governo não

disponibilizava assistência e fechava os olhos para o que acontecia com os Xakriabá. Com isso concretizava a violência contra nós, já que o apoio não vinha de nenhum lugar, e estava o povo Xakriabá com muita certeza que do governo de Minas não viria. O governo de Minas, além de não prestar assistência ao povo Xakriabá, sancionou, em 1966 a lei de número nº 4.278 de 21 de novembro de 1966, que criava a Fundação Rural Mineira - Colonização e Desenvolvimento Agrário – RURAL MINAS².

Essa fundação era de caráter público, e vinculada à secretaria da agricultura, pecuária e abastecimento. Tinha como propósito regulamentar terras do governo e assentar trabalhadores sem-terra. Mas a Rural Minas não mascarava o apoio aos grandes fazendeiros produtores agrícolas e produtores rurais, que supostamente contribuíam para o desenvolvimento econômico e agrário do estado de Minas Gerais. A RURAL MINAS foi designada para fazer o mapeamento e distribuição e reassentamento dos povos do extremo norte de Minas, devidos os conflitos e divergências advindas das retomadas de terra pelo povo Xakriabá e pelas invasões dos fazendeiros.

A Rural Minas veio com o propósito de regulamentar as terras e regularizar os ocupantes. O problema é que a Rural Minas, em seu caráter jurídico de direito público, possui uma estrutura que a possibilita estudar e regularizar terras para fins de desenvolvimento agrário, e não para com povos indígenas. Esse foi um dos principais problemas enfrentados pelo povo Xakriabá na época. Pois como que uma organização que não tem a função e nem condição de estudar ou mapear terras indígenas, ou, pior ainda, que sequer tem o conhecimento da existência de povos nativos originários do BRASIL daquela terra, tentar regularizar e documentar e registrar a terra e seus moradores como pessoas comuns de zona rurais. Mas o que ocorre naquele momento seria realmente o desconhecimento do governo de Minas e da Rural Minas desse povo indígena, ou apenas uma tentativa de disfarçar o conhecimento dos mesmos para que se facilitasse o avanço da pecuária e da agricultura na região? Já que para o governo a produção agrícola e pecuária representava grande parte de sua economia e,

2. Art. 1º - A Fundação Rural Mineira - Colonização e Desenvolvimento Agrário - RURALMINAS -, criada pela Lei nº 4.278, de 21 de novembro de 1966, com personalidade jurídica de direito público, sede e foro nesta Capital, vincula-se à Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Art. 2º - A RURALMINAS é uma fundação pública, com autonomia administrativa e financeira, isenta de tributação estadual e com os privilégios legais atribuídos às entidades de utilidade pública.

Art. 3º - A Fundação tem por finalidade a colonização, o assentamento, o desenvolvimento rural e a regularização fundiária no Estado.

supostamente teria mais vantagens do que se constituir se como Terra Indígena da União. Contudo, seria possível que o governo, junto com a Rural Minas, mascarava saber ou identificar ali como terra indígena, tendo em vista a possibilidade de perder a chance de elevar a produção agrícola no norte de Minas, apenas para garantir uma terra que, na visão gananciosa e errada deles, não produziria produtos agrícolas ou pecuária em grandes proporções, e nem contribuiria para fins econômicos? Ou por influência dos grandes fazendeiros e representantes políticos que também visava nessa terra um grande valor econômico agregado? Isso eu tenho com clareza, que o governo do estado ou políticos de cidades vizinhas tinham receio e medo de acontecer, já afetaria e muito nas produções agrícolas e pecuárias na região do norte de Minas.

Essa idéia também ficou na mente de muitos índios que viveram essa época, pois sentiram na pele o desprezo e o abandono por parte do governo. Ter a Rural Minas para regularizar as terras indígenas, foi como uma flechada no calcanhar de Aquiles, pois não tinham nenhum favorecimento aos povos indígenas Xakriabá, e seus líderes indígenas se mostravam cada vez mais preocupados com o que poderiam acontecer, pois pareciam se distanciar cada vez mais de vencer sua luta, de conquistar sua própria terra e seus direitos. Mas ter que lutar por uma terra que eles já pertencia, arriscando a sua própria vida, o que seria para muitos uma amargura muito grande. Mas o povo Xakriabá lutava por tudo que eles acreditavam e acreditam até hoje, lutavam pelos seus filhos, seus antepassados, por sua cultura, por sua terra, por seus lugares sagrados e sua história...etc. veja abaixo uma das entrevistas com ROSALVO FILZA DA SILVA, 04/09/1945. De 72 anos, liderança da aldeia Sapé e morador da aldeia Itapicuru, conta um pouco sobre a as invasões de terra no Xakriabá.

O território toda a vida, sempre foi dos índios desde muito antes dessas lutas. Só que com o passar dos tempos os fazendeiros influenciaram aqui pra dentro na época, e como a terra era rica tinha muita mata, muita água. Chegavam aqui induzia o “caboco” que era como nós chamavam, pois a denominação índio nós não conhecíamos, mas que eles nos chamavam nos de caboco. E nós naquela época ainda não tinha nenhuma identificação ou documento do tipo, poucos tinham e mesmo assim eram registrados igual todo mundo. Ai quando os fazendeiros foram chegando e induzia alguns dos índios a vender o pedaço de terra pra eles. Mais ofereciam pelas casinhas mesmo e não pela terra,

compravam as choupanas velhas de sapé ou de cascas de braúna, dos índios né? Ai ele induzia o índio a vender aquilo ali. Ai depois que ele tomava de conta do local ele como tinha muito dinheiro cercava grandes quantidades de terra ao redor da casa. A casa tinha um alqueiro³ de terra né, e ele cercava 15,20 alqueiro de terra e ia empurrando pra longe aqueles índios que moravam próximos ao local, como os nós não conhecíamos de nada de direito íamos saindo porque nos formavam a sair, cercando tudo ao nosso redor. Eles tentaram comprar o local da nossa casa né, nós morávamos ainda com meu pai, mais meu pai não quis vender, não aceitou. E eles disseram que de qualquer jeito ele ia ter que sair porque ia perder a terra.

(ROSALVO FILZA DA SILVA 15/04/2017).

E mesmo com tantas dificuldades, a escassez de alimento, devido às contribuições que já vinha sendo feitas aos grupos de trabalhadores indígenas que exerciam a função de defender o território fazendo roça e observando e andando por todo o território, para identificar os locais de invasões ou de possibilidade de estabelecer uma roça, para o povo continuar lutando.

Também tinha outro porém que implicava na luta pela terra, que era a perseguição por parte dos fazendeiros ou mesmo pela população da cidade. Isso acabava que impedindo que os Xakriabá fossem até as cidades fazer trocas de alimentos, ou mesmo comprar outros alimentos que faltavam. Os fazendeiros ameaçavam todos os índios e reprimiam aqueles que tentavam os ajudar de qualquer forma.

Nesse meio tempo em que a Rural Minas tomava os conhecimentos das terras e dos lotes a serem documentados, outros dois órgãos de lei apareceram para também exercer o trabalho de documentação da terra. Isso já por volta dos anos 1970, em meio a ditadura no Brasil.

Quando os conflitos se intensificaram entre os índios Xakriabá e os fazendeiros, vários baianos que ocuparam as beiras do rio Itacarambi se propuseram a ajudar a causa indígena Xakriabá, mas a maioria apoiou os fazendeiros, na intenção de obter mais lotes de terra. Nesta mesma época de grandes violências contra índios Xakriabá, chegaram

3 . Alqueire é uma medida agrária, que varia conforme a região. Um alqueire mineiro equivale a 4,84 hectares. Fonte: <https://www.infoescola.com/matematica/medidas-agrarias/>

os órgãos governamentais, na tentativa de resolver o problema. Mas o que eles não sabiam é que na terra existiam índios, os índios Xakriabá, que já moravam nessa terra desde muitos antes dos fazendeiros aparecerem, e que acabaram sofrendo com mais violência causadas por esses órgãos. Pior que a violência sofrida pelos Xakriabá era a dor da possibilidade de ser retirados da terra a quem eles pertenciam. Entre esses órgãos estavam a Rural Minas, que já executava esse trabalho de loteamento da terra, e além dela veio o INCRA, que também executava esse tipo de trabalho.

A terra Xakriabá foi dada como devoluta para o governo, e devido aos vários conflitos por terra na região, foi feito o processo de estudo da terra. Dado esse estudo, foi feito os loteamentos das terras indígenas Xakriabá, que passaram a ser vendidas a quem pudesse comprar. Nesse meio tempo, várias pessoas das cidades próximas, como Itacarambi e Januária, começaram a vir para a terra indígena Xakriabá para comprar lotes. Isso por que ficaram sabendo que os índios iam sair da terra. Veja abaixo um trecho de entrevista com seu ROSALVO FIUZA e seu irmão JOSÉ FIUZA DA SILVA (ZÉ FIUZA) 22/02/1950, de 67 anos, morador e liderança da aldeia Itapicuru.

Ai para não ter mais confusão criaram o INCRA⁴, o IBRA, e chegavam com aquele documento né, e pra gente tirar aquele documento tinha pagar né, e quem não pagavam tinha que sair da terra, afastar da terra. O INCRA fornecia o documento, e tínhamos que pagar pelo documento e pela terra. Na época queriam que meu pai pagasse, mais meu pai não aceitou; e disse que não ia pagar por um lugar que já era dele. Depois disso os pessoas do IBRA começaram a limpar a terra na frente da casa do meu pai e a juntar ferramentas aqui perto da casa. Por causa do barulho e do medo né; e de algo acontecer os moradores local começaram a sair, e só ficou meu pai e a finada Guilermina, porque meu pai disse q ela não ia sair também não. Mais depois de muito pressionar meu pai, tivemos que arrumar o dinheiro para pagar o documento. Ai meu pai falou com homem que estava com os documentos das terras sobre seu pai que nasceu ali no riachinho né; ai contou a ele ne toda a história da família, ai vendo aquilo né o homem perguntou se ele tinha muito dinheiro, se ele estava querendo jogar seu dinheiro fora, e completou que quem

4. INCRA: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) é uma autarquia federal da Administração Pública brasileira. Foi criado pelo decreto nº 1 110, de 9 de julho de 1970, com a missão prioritária de realizar reforma agrária, manter o cadastro nacional de imóveis rurais e administrar as terras públicas da união.

ia comprar só quem tinha muito dinheiro pagar. Ai depois disso né, meu pai entendeu realmente que ele era herdeiro daquela terra. ”

SEU ROSALVO FIUZA DA SILVA 15/04/2017.

Quando o INCRA chegou na terra começou a lotear a terra e só ficava quem tinha dinheiro, nós não conhecíamos nada sobre o direito. Sabíamos que a terra era nossa, mais para o governo não tinha dono. Então loteou e começou a vender a terra.

JOSÉ FIUZA DA SILVA 22/03/2017.

Depois que se intensificaram os loteamentos da terra, era como uma afirmação que o governo tinha total controle das terras indígenas Xakriabá, e que no momento se fazia necessário comprá-la para ter direito de morada e usufruto dela. Os índios Xakriabá se viram em dois estreitos de impotência, a que os órgãos governamentais de desenvolvimento agrário como a Rural Minas e o INCRA persistia, indicando-os como invasores daquela terra e a outra por parte dos fazendeiros e grileiros que os ameaçavam com violência e discriminação.

Capítulo 3. *Então que se faça nem que for pelo sangue!!*

Por volta dos anos 68 a 70, vários líderes indígenas já se destacavam por exercer a função de líder. Entre esses estavam o cacique Rosalino Gomes, Rodrigo/Rodrigão, Migué Caroço, Estevam, Laurindo e Emilio. Também tinha Valdemar da Prata e o pajé da época, o finado Zelão.

Nesses conflitos, os líderes indígenas começaram a discutir se não existiam alguma lei que os protegiam, ou outra força maior, pois estavam sendo massacrados e ninguém fazia nada.

Então o finado Rosalino Gomes, viajou à procura de direitos, ou de órgãos que fizesse o trabalho de proteção ao índio e que os ajudassem. Seu Rodrigo foi um pouco antes dele, mas, como não tinha muito conhecimento desses órgãos, voltou sem muito o que fazer. Mais Rosalino Gomes descobriu que um tal de CIMI⁵ e a Pastoral da Terra que decidiram os apoiar. Tinha também o SPI, que na época já era a FUNAI desde 1968, mais que não era do conhecimento dos índios Xakriabá essa informação. Esses órgãos eram comandados por militares, e não faziam questão de apoiar os índios. Mas, enquanto isso o número de posseiros na terra aumentava a cada dia, causando mais medo e indignação aos índios.

Após essas viagens, João da Prata foi até a casa de seu Lorindo, e teve uma conversa com ele. Decidiram ali que algo deveria ser feito logo. Mas a falta de dinheiro foi o que mais os deixou a pensar. Então que João da Prata prometeu arrecadar o dinheiro, para que seu Lorindo fizesse mais uma viagem em busca de direitos.

Então algum tempo depois conseguiram uma arrecadação. Recolheram muito pouco, pois o povo nem sabia o que era dinheiro e nem como usar. Quando Rodrigo ficou

5 O Cimi é um organismo vinculado à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), criado em 1972, no auge da Ditadura Militar. Fonte: <https://www.cimi.org.br/o-cimi/>

sabendo da arrecadação, foi até a casa de seu Lorindo, e o perguntou se realmente ele iria a Brasília. Mas no momento seu Lorindo não sabia nem para onde iria pois não conhecia nada fora do território.

Quando seu Rodrigo volta para casa, vem a sua mente vozes dizendo a ele para que fosse a Brasília no lugar de seu Lorindo, vozes essas, que não deixou dormir durante toda a noite, até que decidiu ele mesmo ir a Brasília. Depois seu Rodrigo se encaminhou até casa de seu Lorindo afirmando que iria com ele até Brasília, mais que iria esperar mais um pouco, pois sua tia estava muito doente. Mas após pensarem muito acabaram por decidir que apenas Rodrigo iria até Brasília, pois o dinheiro não seria o suficiente para os dois.

Após alguns dias, em uma conversa de Rodrigo com seu Lorindo vieram à sua cabeça a questão do dinheiro arrecadado que era muito pouco até mesmo para comer. Então que pouco tempo depois, DEUS o guiou até Brasília o trouxe em segurança a sua terra. Foi tão rápido que seu Lorindo ficou admirado com a rapidez da viagem. Seu Rodrigo vai até a casa de seu Lorindo com uma notícia que seria difícil resolver. Que seria o pedido da secretária em Brasília que fosse no mínimo 4 índigenas e levassem provas comprovando que a terra era sua morada.

Então como que eles conseguiriam ir até Brasília resolver isso! Já que a primeira arrecadação mal deu para uma pessoa, e agora tinha que conseguir para muito mais gente. Mais existiam um homem que morava a beira do rio Itacarambi, perto de onde hoje se situa vilarejo de São José, o homem conhecido como Osvaldo Torres. Ele tinha um apreso pelos índios, e os apoiavam muito. Decidiu-lhes então arrumar o dinheiro mesmo sendo contrariados, por outros moradores que ali se situavam.

Foi assim eu Seu Rodrigo, Seu Lorindo, e mais dois índios forma até Brasília. Em 23 de junho 1969 chegaram a Brasília, e acabaram dormindo ali mesmo, na rodoviária, já que não eles não tinham dinheiros ou lugar para passar a noite. Com o frio extremo da madrugada, e sem cobertor ou outra proteção, acordaram todos sem muito movimento, com o corpo congelado, correndo risco de uma hipotermia, ou outra doença decorrente do frio. Mais os guerreiros tinham na mente pelo o que lutar e resistir.

Durantes os três dias que ficaram em Brasília, foram convidados por um homem, dono de uma pensão, a ficar em seu estabelecimento. Este vendo sua situação, lhes ofereceu água e comida.

Na comprovação do “ser índio”, tiveram que fazer exames de sangue, e tiveram que levar objetos como potes, cabaças entre outros objetos, para comprovar sua identidade étnica. Para muitos índios hoje, isso seria uma ofensa a sua identidade, mas para nossos guerreiros a comprovação de sua identidade. Era de muito valor, pois ali afirmavam que a que terra pertenciam, e que posteriormente traria um alívio ao seu povo e o direito à vida de seus filhos.

Então quando todos pensaram ter passado pelo pior, nem imaginavam o que tinha por vir. Encaminhados a irem até Belo Horizonte, passar por um tal de capitão pinheiro, que posteriormente encaminharia um processo de estudo e demarcação da terra pela FUNAI, que já época na era fundada. O tal Capitão Pinheiro, era uma pessoa de classe alta, e seria responsável por administrar e dar suporte em algumas aldeias de Minas Gerais e Bahia. Coisa que certamente ele não fazia direito.

Já em Belo Horizonte, com o capitão pinheiro, seu Lorindo Gomes afirmou que eles foram deixados em um quarto de hotel simples, sem comida e água, e sem equipamentos de higiene básica, como tomar banho ou qualquer outro tipo de suporte, e nisso ficaram por três dias, até que uma menina, que morava ao lado, viu a situação que eles estavam, levou até eles um litro de água e um prato de comida, que acabaram dividindo entre eles. A comida era muito pouca para todos eles, mas para se manterem vivos era o suficiente. Então, esta mesma mulher liga para um tal de Zé, que quase imediatamente chega, e a mesma pede para que ele leve seu Rodrigo e seus companheiros a um tal de horto florestal, pois no mesmo se encontrava o Capitão Pinheiro.

Seu Rodrigo pergunta então ao Capitão Pinheiro, se além de os deixar em um quarto para morrer de fome e de sede, não ia os oferecer nada para beber ou comer. Então eis que o capitão pinheiro, que já os olhava com uma cara amarrada e meio com raiva, pede para que seja servido um café aos nossos guerreiros. Mas apenas com esse café, tiveram que vir embora, com fome, sede, sujos, cansados e desnorteados pela fome, mas com a

certeza que tudo ia mudar logo. O que os trazia conforto dentro desse mundo cruel, era saber que seus filhos e seu povo teriam onde viver em paz. Então que suas expressões de cansaço em um rosto de olhos fundos cavados pela fome e pela falta de sono, parece ser pouco em comparação à alegria de rever seus parentes e sua terra e estar em casa. Não custa nada fingir por dois segundos que não existem conflitos apenas para descansar um pouco da viagem! Foi o que fizeram nossos guerreiros quando chegaram a sua terra.

Pelo que conta seu Lorindo, ele não conhecia esse tal de Capitão Pinheiro. Mas, em alguns registros de violação dos direitos indígenas em época de Ditadura, se encontra o chamado por seu Lorindo de Capitão Pinheiro, de nome: Manoel dos Santos Pinheiro, Capitão da PM e chefe dos Ajudância Minas Bahia, a regional administrativa da FUNAI da época.

Capitão Pinheiro, além de administrar Minas Bahia, também executava o trabalho de recrutamento e treinamento de índios, chamados de “vigilantes”, para que fizessem o trabalho deles. Os índios eram obrigados a matar, agredir, violentar de forma brutal seus próprio parentes até mesmo do seu povo. Capitão Pinheiro explanava que a violência sofrida pelos índios era uma das formas de domesticá-los.

Sobre essa experiência, o historiador Edinaldo Bezerra de Freitas traz relatos sobre os fatos que ocorreram entre os Maxakali.

*Entre os Maxakali, a experiência dos “vigilantes indígenas” deu repercussões e logo teve desdobramentos. **O jornal do Brasil** de nove de março de 1969 noticiou a formação do que foi denominado, uma “brigada” de índios em Minas. O capitão pinheiro então nomeado chefe da Ajudância Minas Bahia, a regional administrativa da FUNAI. Segundo a reportagem tratava da instalação do primeiro “campo de adestramento indígena” do país. ”*

(Freitas, 2011: 03)

Ainda sobre isso, seu Lorindo detalha um pouco sobre como foi sua passagem por Belo Horizonte e as dificuldades que enfrentaram ao chegar lá:

Quando chegamos em Belo Horizonte esse capitão pinheiro nos mandou para um hotel. Nós ficamos lá três

dias lambendo a língua nem água nós não tínhamos nem para beber e nem para banhar a boca já estava toda preta da borra dos carros, judiando de nós três dias morrendo de fome e de sede. No terceiro dia a moça que vivia no lado do nosso quarto me chamou e perguntou pelo capitão pinheiro e disse que ninguém ia morrer de fome no seu hotel, e foi lá e pegou um pratinho de comida com umas folhinhas e nos deu; mais ou menos uma mão pra cada um de comida. ”

(SEU LORINDO GOMES 19/08/2017)

Voltando a nossa história, parecia tudo bem e encaminhado, mais não era bem assim, como seu Rodrigo e Seu Lorindo pensavam. Enquanto eles faziam suas viagens a Brasília, deixaram o cacique Rosalino, Seu Emilio, Seu Rosalvo, Zé de bem-vindo, Zé de Rosalvo, entre outros, como líderes dos movimentos indígenas que tinham a função de proteção e observação, na tentativa de evitar conflitos e mais invasões.

Mas, a despeito dos seus esforços, não foi isso que ocorreu. Nesse meio tempo que seu Rodrigo esteve viajando, os fazendeiros descobriram que os índios Xakriabá estavam indo até Brasília, então intensificaram as invasões e os limites de terra, nesse jogo de quem pega mais lotes de terra, entre fazendeiros, acabou que o ex-prefeito de Itacarambi Zé de Paula, adquiriu por meio da Rural Minas grandes extensões que ocupava desde onde se situa o vilarejo de traíras e ia até onde hoje se situa a aldeia brejo mata fome.

Capítulo 4. *Eis que os que deviam proteger não protegiam*

4.1. Polícia corrompida e o povo Xakriabá deixado ao acaso

Em meio a tantas invasões e loteamento, aumentava ainda mais a insatisfação dos índios Xakriabá aos órgãos público, fazendeiros e posseiros. Nisso, os grupos de luta contra a invasão de terra começaram a cercar e derrubar matas bem próximas das fazendas dos posseiros. Isso acarretou o desprezo de muitos fazendeiros pelo nosso cacique Rosalino Gomes, que era líder de um dos grupos, que mantinha-se de pé diante das ameaças, e afirmava nunca recuar ou ter medo dos fazendeiros.

Então eis que, diante de uma política ruim e do Brasil em crise, isso por volta dos anos 70 a 75, os fazendeiros e posseiros vêem na polícia militar a possibilidade de inibir a ação dos índios. Como o Brasil estava passando pela marcante ditadura militar, o apoio a esse tipo de repressão era constante. A partir daí os fazendeiros tiveram um apoio muito grande. Tanto que a liderança Rosalvo, da aldeia Itapicuru, suspeitava de pagamento por parte dos fazendeiros aos policiais, a troco de serviço de proteção.

Quando chegou nesse momento, os índios Xakriabá se viram em uma situação ainda pior, pois não tinham apoio nem polícia, polícia essa que pertencia a cidade de Itacarambi. Em vários momentos nas entrevistas sobre a luta da terra, aparecem relatos de como a polícia era cruel e agressiva com os índios.

Como afirmou seu Rosalvo, a polícia executava um trabalho de segurança particular dos fazendeiros, e que a maioria das ordens eram feitas pelo ex-prefeito de Itacarambi, Zé de Paula, que também era um dos invasores de terra, e possuía uma grande grilagem nas terras indígenas Xakriabá.

As perseguições aos índios, pela polícia, era tanta que, nos momentos em que era necessário ir à cidade, os índios iam disfarçados ou até mesmo escondidos, pois se as

polícias os identificassem eram obrigadas a voltar para o lugar de onde vieram no caso das mulheres, ou no caso dos homens, eram presos e até mesmo agredidos fisicamente, como já tinha acontecido.

Essas agressões eram mais brutas quando ocorria dentro do território indígena, já que, para eles, não existiam punição, e a lei era feita e executada por eles mesmos. Nos casos de mulheres indígenas, as testemunhas dos casos afirmam que os policiais militares estupravam, batiam e agrediam e psicologicamente as mulheres indígenas, as quais em muitos casos, acabam grávidas ou ficavam mentalmente perturbadas pelas agressões. Afirmou Zé de Bem-Vindo que a falta da lei e da justiça os deixavam a mercê dessas agressões, e que o que mais doía era a impotência ao ver seu irmão sendo agredido e não poder fazer nada para ajudá-lo.

Como contou o grande guerreiro *JOSÉ PEREIRA LOPES, (ZÉ DE BEM-VINDO)* 15/06/1958, 60 anos, liderança honorário do povo Xakriabá, aldeia Forges e considerado um dos maiores guerreiros indígenas Xakriabá:

A polícia militar não escondia que não gostava de índio. Muitas vezes estupravam as mulheres aqui né. As que não eram mortas por aí sem ninguém saber, ficavam grávidas deles; faziam o que quisessem. E a gente ficava sem poder fazer nada, ver e não poder fazer nada; era muito esquisito. Hoje a gente reclama que está ruim, mas não está não. Hoje você exerce respeito em sua casa, e antes o “cara” invadia sua casa e fazia o que queria. E você não podia fazer nada. E ainda correndo o risco de ser levados por eles no carro. E sorte daqueles que eram levados e morriam. Eu me declaro que só fui preso por muito tempo e acusado de vários crimes por causa da ditadura. Muitos dos crimes que fui acusados não foi eu que fiz! Eu choro... choro, quando lembro meu filho. Fui preso para proteger meu povo, meus amigos que lutaram por mim. Eu até sabia quem era mais eu não ia dizer. Era meu papel proteger meu povo, e o que eu faço hoje.

(JOSÉ PEREIRA LOPES 20/04/2018)

Ainda sobre a atuação da polícia militar, seu Rosalvo declara alguns fatos que ocorriam e como que a polícia executava o trabalho de protetora dos grileiros e latifundiários; nisso afirma que:

A perseguição da polícia aqui na época se dava também pelos latifundiários, que praticamente era dono da polícia né, pagavam a polícia e vinham para poder pegar as terras, emitiam documentos lá fora e vinham dizendo que a terra era deles. Ai onde aconteciam muitos das perseguições dos índios, ninguém de nós não conhecíamos nenhum órgão na época para nos ajudar e quando apareciam gente assim o jeito era bater de frente. E nisso acarretavam as perseguições e prisões dos índios.

Tem gente que não gosta muito de nós, fala que o índio não sabe falar com as pessoas, não tem educação; E isso não vem de nós. Esse receio de falar com qualquer pessoa sem conhecer vem desde o militarismo, que na época tiraram muito de nós. Fez com que a gente mudasse; tirou nosso idioma, até o jeito de conviver com outras pessoas isso mudou. Hoje acredito eu que tem índio lá em Tocantins, Goiás em muitos lugares, que saíram daqui e que eram Xakriabá; mas que na época saíram daqui de dentro para não morrer. Porque os “grandes homens” tinham essa força né; no tempo da ditadura militar esses “grandes” tinham esse poder essa liberdade de perseguir, prender e até matar nós índios.

Você sabe que o dinheiro sempre fala mais alto né? Então a polícia as vezes não tinham o conhecimento que nos era índio; porque o pessoal da região não sabia o que era índio, travava nós de caboco, e caboco para eles só servia para trabalhar para fazendeiro, e se o fazendeiro desse a ele o que comer; como índio nunca teve luxo e nem preconceito com nada, a comida do jeito que viesse eles aceitavam, não tinha luxo, vaidade, porque nós não fomos criados assim! Nós fomos criados vestindo roupa de algodão que a mãe da gente mesmo fazia. ROSALVO FILZA DA SILVA 15/04/2017

Seu Emilio, outra liderança, chegou a ser amarrado de cabeça para baixo, lá mesmo na sua aldeia, na aldeia Pedra Redonda. Isso tudo por ser acusado na época de ser líder desses grupos de índios, que faziam o trabalho de colocar roça. A Polícia Militar, por mando dos fazendeiros, amarram-no pelos pés e o deixaram de cabeça para baixo em um galpão.

Um tal de BIDA, uns dos posseiros da época, que possuía uma extensão de terra grande perto da aldeia Brejo Mata Fome, foi o mandante dessa violência contra o índio Xakriabá Emilio, e mais uns companheiros dele, na aldeia Pedra Redonda. Seu Emilio passou quase todo o dia amarrado, até seu Rodrigo, que época já estava por aqui, vindo de sua viagem a Brasília, pediu que o soltasse. Foi aí que então que a polícia o desamarrou e foram embora. Seu José Fiuza relembra o acontecido em uma das entrevistas:

A polícia militar nunca foi a favor de briga de índio. Emilio foi, foi amarrado de cabeça para baixo num galpão lá na pedra redonda, dependurado de cabeça para baixo. E quem foi lá soltar Emilio foi seu Rodrigo, foi dependurado por BIDA. BIDA de missões dependurou ele lá de cabeça para baixo marrado, marrado dentro de galpão, se Rodrigo não tivesse ido lá mandar tirar ele tinha morrido ali mesmo de cabeça para baixo. Seu Rodrigo chamou uns dois funcionários da FUNAI e foi lá e mandou desamarrrar ele. O tal BIDA junta com alguns companheiros dele foi lá e amarrou ele, e era para deixar morrer lá.

JOSÉ FIUZA DA SILVA 22/03/2017

As perseguições aos índios também eram, portanto, feitas pela polícia, tanto que um grupo grande de policiais militares, junto com seu Delegado da época, “Doutor” Antônio, a mando dos fazendeiros, vieram até a aldeia Itapicuru à procura do cacique Rosalino. Tinham a intenção de levá-lo preso, mas graças a um grupo grande de índios na época, cerca de 60 pessoas, não permitiram que levassem Rosalino preso e obrigaram os policiais a voltarem.

Como a polícia na época não tinha limites nem escrúpulos, ser preso, poderia acarretar até a morte, pois além de apanhar muito dos policiais, dependendo da sua importância política dentro da comunidade indígena significaria a morte. Como prova disso. A liderança ZÉ de bem-vindo, da aldeia Forges, foi muito perseguido, tanto por fazendeiros, pistoleiros, quanto por policiais.

A perseguição ao senhor Zé de Bem-Vindo era tanta, que ele vivia praticamente escondido no mato, sem endereço certo, pois qualquer parada em algum lugar por mais de um dia, poderia acarretar sua morte. Dependia da ajuda de seus parentes indígenas, para o fornecimento de alimento, água e outros objetos, como coberta e alguns trapos de roupas. Sua morada muitas vezes não passava de uma simples raiz de uma árvore, seu telhado muitas vezes já foram as folhagens do mato, seu colchão a terra fria ou galhos de árvores. Quando não achava um cobertor a lua se tornava sua coberta mais quente.

Em um dos casos que seu Zé de Bem-Vindo decidiu passar o dia em casa acabou sofrendo uma tentativa de assassinato. Ocorreu que a Polícia Militar, juntamente com pistoleiros, foram até sua casa disfarçados de boiadeiros. Chegaram já atirando contra o mesmo; Zé de Bem-Vindo, sem ter muito o que fazer, teve que lançar seu filho ainda bebê de colo, em cima de bostas de gado, para impedir que se machucasse ao cair no chão, e evitar que fosse atingido por tiros. No mesmo instante saiu correndo para o mato e se escondeu. Sua mulher, VILMA NUNES DOS SANTOS, que estava no riacho lavando as vasilhas, saiu correndo no mesmo instante em que ouviu os tiros para saber o que tinha acontecido, já com receio de ter acontecido algo de ruim com seu marido. Chegando próxima a sua casa vê de longe, no chão, uma camisa, em que estava enrolado seu menino, e já se começou a se desesperar, ao pensar que ali ao chão podia ser seu marido morto. Ao se aproximar mais, encontra com o grupo de homens da polícia militar, junto com pistoleiros, vindo ao seu encontro e com seu filho em mãos. Os homens questionam o paradeiro de seu marido. Vilma, ainda tremula e assustada com a ameaça dos tais homens, respondeu que não sabia, que não tinha visto, que estava vindo do riacho e que não tinha se encontrado com seu marido. Então os homens ameaçaram-na, chamando-a de vagabunda. Então os homens entregaram seu filho, e a colocaram, juntamente com seu sogro o PAI COCO, à frente, e os acompanharam até sua casa. E ao chegarem se depararam, com sua filha pequena, chorando no terreiro, e quando sua mãe pergunta o que tinha acontecido, a menina responde que os homens tinham matado seu pai. Depois disso os homens desistem e vão embora.

O disfarce da polícia militar naquele momento não foi uma tentativa de omitir o que eles tinham feito. Era apenas para conseguir se aproximar de Zé de Bem-Vindo. Não tinham nenhuma intenção e levá-lo preso para interrogatório, pois já chegaram atirando, na tentativa somente de homicídio contra o mesmo. Ele como não tinha oferecido

resistência, usou como forma de se manter vivo fugir do local e se esconder no mato. A senhora Vilma, de 54 anos, da aldeia Forges, esposa de Zé de Bem-Vindo, conta o ocorrido:

No dia que Zé voltou pra casa, que ele tinha saído mais seu ROSE né. Nas poucas vezes que zé ficava em casa, eu deixei zé cuidando do nosso filho mais novo. Parecia que eles estavam adivinhando ou alguém falava pra eles, eles voltaram para poder correr com nós de novo. E Zé neste momento estava cuidando da minha menina, que era novinha na época, pequenininha e meu filho de colo, meu bebê que era o JOZÉ WILHAM. Eu tinha ido para o riacho lavar vasilhas, e de lá escutei o tiro. O pai COCO também ouviu, pai COCO era o avô de Zé. Na hora já saímos correndo e viemos embora. No meio do caminho já encontramos os pistoleiros com o meu filho de colo nos braços. E eu já perguntei o aconteceu com meu marido, e eles disseram que não tinha acontecido nada né, que quem sabia do meu marido era eu, me chamou de vagabunda, era tudo mistura polícia e pistoleiro, tudo disfarçado de boiadeiro. Ai eles falaram que quem sabe é você sua vagabunda, ele correu pra cá. Ai eu disse eu não sei, que estava vindo do riacho. Estou indo embora agora mais pai COCO. Então em colocou na frente né, eu e pai COCO e fomos até lá em casa, lá ele me entregou o menino, e eu vi a camisa de ZÉ que estava enrolada no menino, e quando vi no chão até pensei que era ZÉ que estava ali morto, já tremi toda, mais na era, ai encontrei a minha menina que eles tinham deixado sozinha né, menina de 5 anos, chorando gritando painho, painho. Ai eu fui e perguntei cadê seu pai minha filha, ai ela disse esse homem ai fez pá, pá, pá, que tinha atira nele né, e mostrou que ele tinha corrido.

Nisso eles começou a xingar nós todos, que nós éramos ladrões, que roubava terra, tomava dos outros.

Depois disso ZÉ já tinha voltado pra casa, ele resolveu sair de novo com seu ROSE, nisso eu decidi que não ia mais ficar aqui, que ia pra casa de meu pai. Mas acabou que eu ficava um tempo lá e outro cá. ZÉ ficava tanto tempo corrido que certa vez seu filho não conheceu ele mais não”.

(VILMA NUNES DOS SANTOS 20/042018)

Quando o chefe de posto da FUNAI veio até a casa de Zé de Bem-Vindo para investigar e registrar a tentativa de homicídio, acompanhado de outros policiais, perguntaram a sua mulher o que tinha acontecido. Então sua filha, ainda pequena com aproximadamente cinco anos, disse, apontando o dedo aos homens, que aqueles policiais que estavam ali, junto com o chefe de posto, tinham atirado em seu pai e que o tinham matado. Sua filha de apenas cinco anos ajudou seu pai e contribuiu para que fossem afastados aqueles policiais do cargo, pois logo que fez o boletim, foi repassado pelo chefe de posto ao delegado da polícia federal, que logo tomou as providências cabíveis.

Mais o pior para esse índio lutador que deu anos sua vida por essa terra e seu sangue por esse povo, não foi dormir ao chão, em caverna ou ao relento. Mais sim ver aqueles que deveriam oferecer proteção atirar contra ti e lhe dar voz de prisão.

Pois de tantos tiros recebidos, facadas arremessadas a ti, não passava por sua cabeça o porquê da polícia militar, além de agredi-lo, atiravam contra o mesmo?

A época da ditadura era muito difícil ainda mais para minha mulher que tinha que estar fugindo deles né. Teve um momento que a polícia militar disfarçada junto com fazendeiros veio até minha casa para mim pegar né, a mando do prefeito de Itacarambi. Eu estava com meu filho JOZÉ WILHAM em meus braços, era recém-nascido, tive que jogá-lo dentro da bosta fresca do gado, na tentativa de não machucá-lo, para mim poder correr e me salvar, já chegaram atirando e gritando. Fiz isso também para evitar que meu filho fosse ferido de outro jeito também né. Já que chegaram atirando para todo lado. Na hora que eu joguei ele para sair correndo ele escorregou na bosta e ficou ali até sua mãe pega-lo depois. Minha menininha na época pequena, que falou que eu tinha morrido, veio o chefe de posto que na nessa época já tinha vindo, lá no sapé, junta com a polícia depois e minha menina falou que eu tinha morrido, aí o chefe perguntou porque eu tinha morrido e ela disse foi eles aí ó mostrou a polícia e falou eles aí o fez pá, pá, pá né painho? Mais eu estava lá escondido no mato. Então o chefe registrou a denunciou e encaminhou ao chefe da polícia federal que era favorável aos índios né. Os policiais eram todos corruptos faziam os que os fazendeiros mandavam e o que o prefeito mandava,

pagavam eles para isso. Eles recebiam por isso. Tinha momentos que até pequenos posseiros pagavam a polícia para trabalhar para eles, então isso não era justiça, não poderia chamar de lei, porque a lei não existiam pra nós, era tudo contra nós”.

ZÉ DE BEM-VINDO 20/04/2018

A violência contra os índios Xakriabá não separava grandes e pequenos ou novos e velhos. Filhos presenciarem uma tentativa de assassinato contra seu próprio pai, ou serem quase atingidos por tiros logo após ao nascer, não é, e nunca será, uma experiência que um pai ou uma mãe deseje que seu filho passasse. Acompanhe mais um trecho de entrevista com seu José Fiúza.

Aqui praticamente, do meu conhecimento, de 88 para trás é isso aí. Eu sou de 50. De 88 para trás até onde eu conheci, o que nós via praticamente era um desastre da polícia militar. Polícia militar nunca gostou de índio. Nem só no Xakriabá como outros lugares, mais especificamente no norte de Minas já sofremos de mais na mão da polícia militar. Hoje nós agradecemos a polícia militar por ter reconhecido onde eles falharam, o que e a constituição o que que é índio, mais se pode ficar certo! Eu estou falando isso, e você tá gravando e você pode ficar certo! A polícia ela só e a favor de índio enquanto ela sabe que tem índio fiscalizando, olhando. Mais se ela pegar índio, no lugar que ela sabe que não tem ninguém que fiscaliza, índio e penalizado. A polícia militar. Polícia federal não. Mais a polícia militar não gosta de índio. Falo de frente com eles porque não tenho medo porque já passamos por isso!

ZÉ FILZA DA SILVA 22/03/2017

O militarismo teve tanta influência no modo de vida da população indígena Xakriabá, que as famílias indígenas Xakriabá da época viviam sempre com medo e as escondidas. Prova disso é que quando um índio caminhava nas estradas e carreiros das aldeias e escutavam barulhos de carro, já quase que no mesmo instante já que poderia ter possibilidade de ser a polícia militar, os índios corriam para o mato e se escondiam ali. Até que tivessem a certeza de que não era a polícia, pois se confirmasse que era a

mesma, continuavam escondidos até que o carro da polícia passasse por completo pelo local, assim não oferecendo nenhum risco.

A situação se complicava cada vez para os Xakriabá naquele período. Pois, depois que seu Rodrigo deu entrada da papelada de estudo e demarcação da terra, seria o próprio Capitão Pinheiro que seria o responsável pela regularização e envio de documentos do povo Xakriabá para Brasília. O próprio capitão Pinheiro, que já tinha tentado fazê-los desistir da terra, deixando os com fome e sede em um hotel em Belo Horizonte. Mas foi tanta a ironia do destino, ou intenções de pessoas que não queria ver os Xakriabá como povo indígena e nem seu território demarcado, que terminou com o próprio capitão pinheiro, sendo responsável também por administrar certos valores em dinheiro para manutenção de remédios nos postos de atendimento de saúde destinados aos indígenas Xakriabá, que até o momento já estavam aguardavam a demarcação do seu território.

O que ocorreu foi que o capitão Pinheiro desviou com o dinheiro, que seria para a compra de remédios, deixando assim e todos sem nada. Foi então que seu Lorindo Gomes, sabendo que não tinha entrado nenhum valor em dinheiro para manutenção dos remédios dos postos, falou com seu RODRIGO E NICODEMO, e disse que teriam que ir até Brasília para reclamar. Mais como tudo estava muito perigoso, pois os fazendeiros já estavam sabendo que os Xakriabá tinham entrado com processo de demarcação da terra, seu Lorindo decidiu ir por si só até Brasília. Chamou a mulher e para disfarçar que iria viajar, pegou algumas trouxas e fingiu ir até Rancharia para fazer farinha. Chegando lá, deixou sua mulher com parentes e seguiu para Brasília. Lá a diretora administrativa da FUNAI, ao ouvir seu Lorindo reclamar sobre a manutenção dos postos, afirmou ter mandado um valor significativo de 30 mil réis⁶, e continuo dizendo que ou seu Lorindo estava mentindo ou o capitão Pinheiro.

Estava claro para seu Lorindo a intenção do Capitão Pinheiro de atrasar ou tentar desanimá-los, de uma que desistissem da luta por sua terra. Já que uma vez foi chefe administrativo de Minas e Bahia do estado de Minas Gerais. Mas seu Lorindo foi valente e determinado. Sendo um líder nato, agiu como tal, e quando o Capitão Pinheiro ficou sabendo que ele tinha ido até Brasília reclamar à diretoria, foi até a casa de seu

6 O dinheiro da época era o cruzeiro, mas os antigos chamavam qualquer dinheiro de “réis”.

Lorindo e, em tom de ameaça, o acusou de estar fuxicando e malandreado. Abaixo seu Lorindo sobre o tal do capitão pinheiro e como que ele agia:

Esse tal de Capitão Pinheiro era de uma classe alta. Era responsável por dá suporte e tomar providências sobre algumas coisas e outros negócios nas aldeias de minas e Bahia. Um dia eu fui lá em Brasília fazer queixa; que eu já tinha falado com Rodrigo e Nicodemo, sobre que não tinha chefe de posto e nem remédios para as pessoas. Mas como era perigoso, e os fazendeiros já estavam de olho em nós por estar indo em Brasília, chamei as mulheres para ir comigo falando que ia fazer farinha na rancharia. Chegando lá. Peguei e fui pra Brasília e deixei essas mulheres na rancharia. Chegando lá fui fazer a reclamação sobre o que estava acontecendo. Uma mulher que a diretora de lá, já saiu de repente e perguntou o que estava acontecendo lá na aldeia. Que eu ou o capitão pinheiro estava mentindo, pois havia acabo de mandar com o tal do capitão pinheiro cerca de trinta mil reis para compras os tais dos remédios e arrumar o posto.

Logo após eu falar com ela eu vim embora. Chegando aqui, logo depois o Capitão Pinheiro apareceu, chegou na minha porta com o carro que quase bateu em mim. Perguntou seu eu tinha ido em Brasília e já foi falando que estava em Brasília fuxicando e malandreado. Ai eu respondi dizendo que quem vai ia lá para fuxicar era ele que ia lá mentir dizendo que estava tudo bem aqui e consumia o dinheiro que recebia para fazer as coisas. Eu acho que ele fazia isso era porque ele apoiava era a Rural Minas e os fazendeiros. Por isso fazia de tudo para nós não conseguir nada”.

SEU LORINDO GOMES 19/08/2017

Assim, seu Lorindo respondeu à altura, e disse na sua frente que foi até Brasília para desmenti-lo, pois era ele que ficava indo a Brasília mentir e dizer que estava tudo bem, ainda acabava consumindo todo o dinheiro que pertenciam ao povo.

Talvez o atraso na demarcação teria sido por causa do Capitão Pinheiro, que acabava formulando falso testemunho, afirmando que tudo ocorria bem na terra indígena, e tendo isso em Brasília, o esforço em agilizar a demarcação da terra não gerava preocupações.

Mesmo quando veio o papel de demarcação da terra, em 1979, ela só foi homologada 9 anos depois. Então realmente os formulários que eram enviados para Brasília, sobre a situação de conflitos e outros problemas na comunidade indígena Xakriabá não retratavam realmente a realidade que acontecia daqueles anos. Por trás da verdade, das violências sofridas, dos massacres e agressões, havia apenas alguns textos editados e manipulados, ocultando realidade. Isso tudo realizado e executado pelo então Capitão Pinheiro, que tinha a clara intenção de atrapalhar o reconhecimento dos direitos dos Xakriabá.

Diante de tanta negação e avaliação contrária ao que realmente acontecia em relação as violências sofridas pelos índios Xakriabá, ocorre que a demora em demarcar a terra indígena acarretou em mais invasão de terra por grileiros, mais violência da polícia e e por fazendeiros sobre os índios Xakriabá. Violência essas que gerava tanta insatisfação que grupos de indígenas Xakriabá tentaram por si só expulsar alguns dos fazendeiros. Isso gerou outros conflitos, e um ódio da parte dos fazendeiros ao cacique Rosalino, que na época era integrante desse grupo. Ele tinha como objetivo proteger e assegurar o bem-estar de seu povo e, como líder e cacique, buscava a todo momento a libertação do seu povo indígena.

Diante desse ódio, o cacique Rosalino Gomes começa a ser perseguido por pistoleiros, policiais e fazendeiros. Posteriormente, a Polícia Militar, por sua vez, teve um papel mais que significativo e brutal em sua morte. Pois, diante de sua irresponsabilidade e negligência, em uma de suas patrulhas pelo território Xakriabá à procura do Cacique Rosalino, a PM permitiu, em seu comboio, a presença de uns dos maiores inimigos do povo Xakriabá, Francisco de Assis Amaro, que acabou sendo levado diretamente a casa do cacique Rosalino Gomes.

O endereço da casa de “Rose”, que como era chamado Rosalino na época pelos seus irmãos indígenas, era, até o momento, desconhecido pelo grileiro. Ainda menos o local exato de sua casa, pois na época, era cercado de matas, com poucos acessos, a forma de chegar dependia de uma informação exata. Informação essa que o capitão da polícia tinha.

Afirmam integrantes da família de Rosalino Gomes e integrantes dos grupos de resistência da época, que o próprio delegado de Itacarambi, “Doutor” Antônio, chefe da polícia militar e delegado regional estava liderando o grupo de extermínio. Que após denúncias feitas pelo grileiro Amaro, contra o cacique Rosalino Gomes, esse delegado, conhecido como doutor Antônio, foi até a casa do cacique Rosalino, acompanhado do grileiro Amaro, para prendê-lo. E nisso, como já foi citado, acabou cedendo a localização exata da casa do cacique Rose ao fazendeiro e grileiro, que até o momento não sabia onde o cacique Rosalino morava. Depois de uma vistoriar a casa e não achar Rosalino, o chefe da polícia volta pra Itacarambi, e deixa a ameaça de prendê-lo.

Após essa ida do chefe da polícia a casa de Rosalino Gomes e acompanhado do grileiro Amaro, ocorre, em 12 de fevereiro de 1987, o assassinato do cacique Rosalino Gomes, em sua própria casa, de madrugada. Em decorrência do ataque, morreu o cacique Rosalino, e sua mulher ANÍSIA NUNES, grávida de dois meses, foi ferida com um tiro no braço. Seus filhos JOSÉ NUNES DE OLIVEIRA e DOMINGOS NUNES DE OLIVEIRA, foram obrigados a arrastar o corpo do seu próprio pai, já caído no chão da sua casa, para o terreiro.

A sede de vingança contra o cacique Rosalino Gomes era tanta que os pistoleiros não importaram com o fato, de que na casa de Rose estaria uma mulher grávida e seus filhos pequenos. A brutalidade desse crime se torna maior quando duas crianças, que acabaram de sofrer o trauma de ver sua casa invadida a tiros no meio da madrugada, e que depois disso conseguiram se manter em pé, diante de seu próprio pai, ali mesmo, estirado no chão e morto dentro da sua própria casa, que ele mesmo construiu para viver com seus filhos. Pior que isso é ser obrigado pelos próprios assassinos de seu pai a arrastar seu corpo para fora, como se fosse qualquer objeto. Ainda que trêmulos de tanta violência, e vendo ali mesmo sua mãe ferida e sem saber a gravidade do ferimento, arrastaram seu próprio pai para o terreiro, mesmo sem aguentar, devido a sua pouca idade, e aos seus corpos magros e frágeis. Sobre esse acontecimento o senhor José Fiuza relata que:

Porque quem provocou a morte de Rosalino foi a polícia militar. Que doutor Antônio delegado regional de Itacarambi, apanhou posseiro como seu Amaro e levou dentro da casa de Rosalino e revirou os quartos e traçou as camisas e calças de Rosalino e dos filhos dele de

punhal, e largou lá no meio da casa e no terreiro; e que fez isso foi o chefe da polícia delegado regional, doutor Antônio, que no dia da morte de Rosalino ele veio lá para fotografar, e nós estava em 100 homens e ia sequestrar ele com polícia e tudo e queimar o carro, e seu Rodrigo não deixou. Só que nós não deixamos ele fotografar, e no dia da morte de Rosalino eles nem foram atrás dos culpados porque eles mesmo tinham mostrado aos assassinos o local onde o finado Rose morava, eles que foram os culpados de seu Rose ter morrido. E esse mesmo delegado morreu matado lá na Bahia; E quem descobriu onde estavam e prendeu os assassinos foi a polícia federal, o diretor da polícia federal na época foi quem organizou alguns outros delegados da polícia federal que eu esqueci o nome, foi quem fez as prisões. Como que a polícia de Itacarambi ia fazer as prisões se o próprio prefeito de Itacarambi era dono de fazenda aqui dentro! Então foi assim, as coisas nossas foi muito difícil, nós fomos muito agredidos. E digo mais índio não facilita com polícia militar separado do seu grupo não porque pode ser vítima de algo, mais uma vítima. Não tenho certeza porque eu não vi, mas naquela época os grades fazendeiros, latifundiários pagavam pra ter apoio da polícia militar contra os índios, falo isso porque a polícia sempre era a favor dos fazendeiros agredindo nosso irmãos. Perdemos tantos parentes na luta da terra, e que graças a Deus os que morreram deixaram muitos e muitos outros pra lutarem por seu povo. Praticamente nós vivemos uma ditadura duríssima e uma destas testemunhas é Emilio.

Zé FIÚZA DA SILVA 22/03/2017

Assim, no momento em que os índios Xakriabá notaram a presença do então chefe da polícia militar de Itacarambi Doutor Antônio na casa do finado cacique Rosalino Gomes, se organizaram em um grupo, e com aproximadamente cem homens iam sequestrar, o delegado Antônio e atear fogo no seu carro. Isso porque os índios Xakriabá tinham o conhecimento e a clareza de que o que tinha acontecido com o cacique rose, foi decorrente e não mais das ações irresponsáveis do delegado Doutor Antônio.

Mas muitos índios Xakriabá, não se convenciam de que foi apenas irresponsabilidade por parte do delegado regional. Pois já se caracterizava desde muito tempo a proteção por parte da polícia militar aos fazendeiros, grileiros e pistoleiros. Os testemunhos sobre

a ação da polícia favorável a fazendeiros vêm desde muito tempo, e a ação contra os índios eram bárbaros e desumanos. Sabendo disso os índios Xakriabá não permitiram que o delegado regional Antônio fotografasse a cena, sentindo medo que o mesmo alterasse a cena do crime, para que favorecesse os fazendeiros e mandante do crime, FRANCISCO DE ASSIS AMARO, saísse impune.

O delegado regional deixou de ir atrás dos pistoleiros e do grileiro Amaro. Mesmo sendo informado pelos índios Xakriabá de quem foram os assassinos e o mandante do crime. Zé Fiúza afirma que eles não foram atrás dos assassinos, por saber que eles mesmos tinham participação e também culpa na morte do cacique Rosalino, além de já ser considerado protetor dos fazendeiros e seus interesses.

A chacina contra o cacique Rosalino teve repercussões em grande escala, tanto que, até jornais internacionais relatam o caso. Essa chacina teve um grande impacto nos grandes jornais brasileiros na época. Causou tanta discussão sobre direitos indígenas na época, que gerou grandes movimentos indígenas de revolta e de protestos pelo Brasil.

Os assassinos de Rosalino Gomes foram quase todos presos dias após a chacina, apontados como principais acusados do assassinato. A agilidade e rapidez na prisão do mandante do atentado contra Rose o grileiro Amaro e seus capangas, só foi possível realmente graças a Polícia Federal, que na época prestou grande assistência aos índios Xakriabá.

No ano seguinte em 1988, ocorreu o julgamento daqueles que tiveram a coragem de separar um filho de sua mãe e os filhos de seu pai. Enquanto o julgamento não ocorria, desde a morte do cacique Rosalino Gomes, os movimentos indígenas pela liberdade de expressão e do direito à vida e à cultura aumentava em todo Brasil. Foram às ruas para defender suas terras e seus povos; motivados por uma só luta e inspirados em seus irmãos indígenas, buscaram a todo custo seus direitos como nativos dessa terra.

Quando chegou o momento que todos os indígenas Xakriabá estavam esperando, desde a morte do cacique rose, o julgamento, o caso já atraía os olhares de milhares de brasileiros, e gerava grande expectativa na imprensa nacional, a pressão era ainda maior

por parte de grandes líderes indígenas e representantes indígenas de todo os país, que exigiam a condenação dos culpados.

Em setembro de 1988, quatro dos cinco condenados pela morte do cacique Rosalino foram julgados. Entre as condenações dos réus, estavam os crimes de lesão corporal, invasão a domicílio e formação de quadrilha. O mandante do crime de homicídio, FRANCISCO DE ASSIS AMARO, teve a maior das condenações, 27 anos de prisão, seu então capacho GERMANO GONÇALVES, foi condenado a 20 anos e seis meses; ROBERTO FREIRE DE ALKIMIM e SEBASTIÃO VIDOCA, a 12 anos; CLAUDOMIRO VIDOCA, irmão de SEBASTIÃO VIDOCA, teve a menor pena, de apenas 2 anos e seis meses de prisão.

Além dos cinco acusados condenados em 88, outro acusado de participar do homicídio de Rosalino, ARLINDO GONÇALVES DA SILVA, foi preso no ano de 2006 pela PF na capital paulista. Até então se encontrava foragido da polícia federal e da justiça, e foi encontrado andando livremente nas ruas, em São Paulo. Arlindo foi preso e condenado, dezoito anos depois de ter sido acusado da participação na morte do cacique Rosalino, em 1987.

O povo Indígena Xakriabá, logo após o julgamento se sentiu mais tranquilos pela condenação dos acusados de terem matado um de seus líderes mais valentes, determinados e audacioso contra as injustiças e crimes contra seu povo. A morte de Rose calou apenas uma parte do seu ser, seu corpo, pois seu espírito nunca morreu no coração de seu povo, e fez soar pelo Brasil os gritos de liberdade e de luta do povo indígena Xakriabá e outros, soaram como sinos estrondosos gigantes; e gritaram em corpo, alma e espírito rumo a um só recado, estamos vivos! Vivos, forte e lutando.

O povo indígena Xakriabá ainda se sentia desprotegido, pois muitos queriam que tanto os policiais quanto o delegado regional Doutor Antônio, que participou indiretamente da morte do finado cacique Rose, levando o grileiro Francisco de Assis Amaro à casa de Rosalino, fossem acusados pela morte do mesmo.

O receio dos índios Xakriabá quanto a proteção era clara, pois a mesma polícia que já oferecia a proteção aos fazendeiros permanecia no local exercendo sua função, e o medo

dos indígenas de uma repressão da polícia contra os índios em relação ao que havia acontecido era muito grande.

Mesmo depois em que o povo Xakriabá se viu “liberto, ” por assim dizer, mesmo depois da demarcação e do fim da Ditadura Militar, ainda permanecia no medo, de sair tanto de uma aldeia para outra quanto para a cidade, pois o clima ainda muito imprevisível. Então era pedido ou aconselhado que no mínimo mulheres e crianças evitassem a saída a lugares distantes. Sobre a polícia, Seu VALDEMAR XAVIER DOS SANTOS (VALDIN), de 75 anos, liderança da aldeia Barreiro Preto, conta o porquê de só acabarem aceitando a ajuda da Polícia Militar muitos anos depois.

E por isso que mesmo depois da demarcação da terra a gente demorou para aceitar o apoio da polícia aqui na reserva, por medo de que elas ainda agissem a mando de alguém. Depois da emancipação de missões e com a nova polícia foi que a gente começou a permitir a entrada da polícia militar aqui. Hoje a polícia é bem diferente daquela época a gente apoia e vê que realmente a polícia está ajudando de fato melhorar a reserva.

(SEU VALDIN 22/08/2017)

Esse clima de incerteza ainda permanecia mesmo depois da homologação da terra indígena Xakriabá. Isto porque o povo ainda sentia a falta que um líder, um irmão, um pai, faz na vida de um grupo, grupo esse que dependia basicamente uns dos outros, pessoas distintas, mas que se relacionavam como uma só família.

Algum tempo depois a cidade São João das Missões foi emancipada, em 21 de dezembro de 1995. Em 1996 ocorre a primeira eleição para prefeito e, em 1997, IVAM DE SOUZA CORRÊA assume a administração do município, fazendo com que o já município de São João das Missões se desmembre da cidade de Itacarambi.

A emancipação da cidade de São João das Missões tornou a vida dos índios Xakriabá mais tranquila, por assim dizer. Pois, quando prefeito de São João das Missões assumiu, foi requerida uma nova administração da PM para o município, já que até então era a polícia de Itacarambi e de Manga que fazia o trabalho na região. Polícia essa que, como

vimos, favorecia e apoiava os grileiros e fazendeiros. A mesma polícia que oferecia proteção ao prefeito de Itacarambi Jose Ferreira de Paula, que também era posseiro e possuía terras dentro das terras indígenas Xakriabá.

Depois dessas mudanças as coisas começaram a “normalizar” na vida dos índios Xakriabá. O sacrifício a dor e o cansaço começaram a gerar frutos e resultados bem significativos para o povo.

Mas pouco tempo depois, a tristeza arrebatou e derrubou nossos índios de novo. Já vinham se recuperando da morte do seu então cacique Rose. Mas, em 2003, perdem aquele que foi e sempre será uns dos maiores líderes indigenista do país e lutador do nosso povo. Aquele que ofereceu resistência quando muitos ofereceram rendição. Aquele que quando o ameaçaram de morte ele mostrou sua fé naquilo que acreditava. Então que morre o cacique Rodrigão, Manoel Gomes de Oliveira, deixando filhos, mulher e seu povo. Mas Rodrigão deixou mais que uma história de luta e resistência, ele deixou no coração e memória de cada um à inspiração e coragem para lutar pelo seu povo e por sua terra.

A resistência de luta e de coragem do cacique Rodrigão deixou um legado de grandes líderes indígenas Xakriabá. Pois no mesmo ano da sua morte, Domingos Nunes de Oliveira, que presenciou a morte e a violência do ser humano, ao ver seu pai ser morto na sua frente a sangue frio. Domingos Nunes de Oliveira então se torna cacique seguindo com a luta de seu pai Rosalino e Rodrigão. Domingos se tornava cacique aos 36 anos, para orgulho do seu finado pai e do seu povo que sempre admirou seu pai o cacique Rosalino Gomes como guerreiro, colocou em ti e mesma confiança que tinha no seu pai.

Com isso Domingos então que, já era cacique reconhecido e admirado pelo povo assume a liderança geral dos Xakriabá. Como líder, sempre apoiou seu irmão a lutarem pelo seu povo. Então, junto com outros líderes e representantes do povo Xakriabá, perceberam que não estavam sendo representados politicamente. Pois o prefeito eleito da cidade de São João das Missões não oferecia estrutura nem apoio para seu povo, já que o povo Xakriabá vivia longe da cidade. Então começaram outra luta, luta por assistência e resistência. Foi aí que os líderes Xakriabá sabendo que tinham mais da

metade na representação de votos políticos, propuseram que seriam lançados a candidatura a prefeito de missões o irmão de Domingos Nunes de Oliveira, José Nunes de Oliveira, e mais 5 candidatos indígenas a vereador. Em 2005 ele é eleito como primeiro prefeito indígena de Minas Gerais, assumindo assim o compromisso de administração da cidade.

O povo indígena Xakriabá ficou em euforia, pois estavam presenciando os resultados de anos de luta e de resistência.

A polícia Militar, por sua vez, e já em outra administração começa a ganhar a confiança do povo indígena Xakriabá, e eis que começa a prestar assistência ao povo indígena sem medo de rejeição, nem por parte da polícia e nem por parte do povo.

A luta do povo Xakriabá começa a tomar rumos extraordinários, pois tanto o povo como seus líderes indígenas começaram a se movimentar em prol da ampliação do território; isso porque na época que fizeram a primeira demarcação da terra, foi demarcada apenas uma parte da terra indígena original, ocupadas pelos índios Xakriabá. Uma parte das novas retomadas de terra foi demarcada e homologada na terra indígena de Rancharia e as outras estão passando por processo de regularização.

Que fique claro, tanto a história de luta e de resistência, principalmente dos líderes que lutaram por essa terra, jamais devem ser esquecidos, muitos menos ter sua imagem difamada. Eis que nessa terra o sangue que aqui foi derramado jamais será limpo, que as famílias perdidas jamais esquecidas, que o sangue de índio Xakriabá em suas veias seja honrado. O dever de guardar, lembrar, respeitar, honrar e repassar para a juventude, tanto a luta de seus líderes, tanto a história do seu povo é de comprometimento do próprio povo. Esquecer ou ter vergonha da história ou do seu povo seria deixar de ser realmente quem você é de onde você veio e, o que é pior, é uma desonra da imagem dos seus líderes passados.

Considerações Finais

Concluimos, a partir da construção deste trabalho, das entrevistas, analisadas e citadas aqui, acreditamos que a complexidade da luta enfrentada pelo povo Xakriabá, só se deu devido à construção de um grupo de interesse político e econômico, e composto pela polícia militar, fazendeiros, posseiros e representantes de políticas públicas, que aproveitaram do momento político decadente, deficiente e muito falho da Ditadura para poder exercer funções e poderes que não eram de sua competência. E que entre esses meios e funções faziam de si mesmo a lei, pregando ideias e causando opressão sobre aqueles que não cediam as suas vontades. Vontades essas que nenhum indígena Xakriabá a época aceitava ou queria.

Espero que esse trabalho seja acrescido à história já contada e registrada do povo Xakriabá, e funcione como um instrumento de compreensão mais ampla da luta indígena Xakriabá pelo seu território. Esse trabalho foi pensado com o objetivo de investigar a possível relação entre a Ditadura Militar no Brasil e as violações de direito na luta pela terra indígena Xakriabá. Mas, no decorrer do desenvolvimento do trabalho, se nota não apenas uma ligação, mas uma relação de causa e efeito. O momento político administrativo no Brasil se mostrou, em muitos momentos, responsável por muitos casos de violações de direitos indígenas Xakriabá, como por exemplo: agressões, morte, prisões, tentativas de homicídio etc. Os resultados adquiridos foram mais que o suficiente para mostrar que muitos dos momentos difíceis na vida do povo Xakriabá só ocorreram por causa da ditadura Militar no Brasil.

CADERNO DE IMAGENS

VILMA NUNES DOS SANTOS



Fonte da Foto:Arquivo pessoal de Werly Pinheiro de Abreu

VILMA NUNES DOS SANTOS (20/07/1964), foi uma das maiores mulheres guerreiras da tribo Xakriabá, teve um papel mais que importante na luta pela terra, ao lado de seu marido JOSÉ PEREIRA LOPES, teve que desenvolver papéis, que testaram sua capacidade de resistência e coragem, como protetora e anjo da guarda de seu marido, teve que dar assistência ao mesmo nos variados momentos de conflito e perseguição ao mesmo, teve que desviar de tiroteios, dormir ao relento embaixo de chuva. E muitas vezes com fome e sede, além de exerce o papel de mãe na proteção e cuidados com seus filhos.

ANÍSIA NUNES DE OLIVEIRA



Fonte da Foto:Arquivo pessoal de Edgar Correia Kanaykô

ANÍSIA NUNES DE OLIVEIRA (18/07/1964), foi mulher e companheira do Cacique Rosalino Gomes de Oliveira. ANÍSIA é conhecida por ser uma mulher de caráter forte, guerreira e que resistiu ao lado de seu marido durante todo os anos de luta pela terra indígena Xakriabá, foi alicerce e conforto para o Cacique Rosalino, mãe de cinco filhos, ela teve que se superar para garantir a saúde e o bem-estar de seus filhos e nisso tomou até tiro para proteger sua família, mesmo estando grávida de dois meses. Até os dias de hoje ANÍSIA demonstra e afirma, resistência e coragem para lutar mais uma vez pelo seu povo.

LAURINDO GOMES DE OLIVEIRA



Fonte da Foto: Arquivo pessoal de Werly Pinheiro de Abreu

LAURINDO GOMES DE OLIVEIRA (02/12/1926) seu LORINDO GOMES foi um dos primeiros guerreiros a estar à frente da luta do povo Xakriabá pela terra e o direito à liberdade, juntamente com seu RODRIGO e outros companheiros, viajaram várias e várias vezes a Brasília em busca de seus direitos, passaram fome, sede e frio. Seu LORINDO, hoje aos 97 anos, deixou marcado na história de luta do povo Xakriabá, sua história de vida, pois se entregou por completa para defender os direitos de seu povo, colocado em risco sua própria vida e de sua família, pois ficava as margens da violência contra o índio Xakriabá. Hoje seu LORINDO GOMES é um exemplo de guerreiro e de resistência.

JOSÉ PEREIRA LOPES (ZÉ DE BEM-VINDO)



Fonte da Foto: Arquivo pessoal de Edgar Correia Kanaykô

JOSÉ PEREIRA LOPES (15/06/1958) um dos maiores guerreiros Xakriabá, e que carregou o peso por muitos anos de defensor do povo indígena Xakriabá. Guerreiro, pai, amigo, companheiro, é uma das características que seu ZÉ DE BEM-VINDO, tem o maior prazer de exercer. Foi alvo de muitos ataques contra ele e contra sua família, passando fome, frio e cansaço, e tomando tiros, desses muitos tiros deixaram cicatrizes marcadas em seu peito, más nenhuma marcou tanto quanto a cicatriz deixada pelo assassinato do seu irmão indígena ROSALINDO GOMES DE OLIVEIRA. Seu ZÉ DE BEM-VINDO, lutou por todos se entregando por completo até os dias de hoje à luta pelo seu povo e por sua terra.

JOSÉ FIUZA DA SILVA



Fonte da Foto: Arquivo pessoal de Edgar Correia Kanaykô

JOSÉ FIUZA DA SILVA (22/02/1950) guerreiro e liderança da aldeia Itapicuru, foi por muitas vezes, companheiro e irmão de ROSALINO GOMES, viu o líder se desenvolver e lutar pelo seu povo. ZÉ FIUZA, como é conhecido na região, desempenhou um papel muito importante na luta pela terra, dando seu sangue sua força para defender o direito a liberdade e a terra, por muitas vezes juntamente com outros guerreiros Xakriabá, defendeu a frente o seu irmão ROSALINO GOMES, e que até os dias de hoje defende seu povo com força e coragem do guerreiro que ele é.

ROSALVO FIUZA DA SILVA



Fonte da Foto: Arquivo pessoal de Edgar Correia Kanaykô

ROSALVO FIUZA DA SILVA (04/09/1945) guerreiro e liderança da aldeia sapé, foi um dos companheiros mais fiéis ao senhor Cacique ROSALINO GOMES, desempenhando um papel muito importante na proteção de seus irmãos indígenas, integrou os grupos de resistência e por muitas das vezes impediu que seu irmão ROSALINO GOMES fosse preso. Até os dias de hoje seu ROSALVO FILZA se mostra forte a frentes as lutas e dificuldades que ainda assombra o povo Xakriabá.

DOMINGOS NUNES DE OLIVEIRA



Fonte da Foto: Arquivo pessoal de Geovane Nunes Gomes de Oliveira

DOMINGOS NUNES DE OLIVEIRA (27/10/1974) se tornou um grande guerreiro ainda pequeno, nasceu e criou se na luta do seu povo pela liberdade e pela terra. Viu seu pai ROSALINO GOMES, se tornar um dos maiores guerreiros indígenas Xakriabá, defendendo seu povo com o sangue e com sua vida. Ainda pequeno DOMINGOS presenciou a morte de seu pai, e teve que se manter de pé, para que futuramente já escrito na história se torna cacique do povo Xakriabá. Continuando o legado de guerreiro e de defensor do seu pai, domingo foi moldado pelo seu pai para se tornar um líder, e hoje tem o orgulho de ser cacique Xakriabá, orgulhando se do trabalho de seu pai para com seu povo e para contigo. Carregando o que seu pai carregou a muitos anos a responsabilidade do cuidado e proteção para com seu povo Xakriabá.

VALDEMAR PEREIRA LOPES (VALDIM)



Fonte da Foto: Arquivo pessoal de Werly Pinheiro de Abreu

VALDEMAR PEREIRA LOPES (24/04/1943) morador e liderança da aldeia barreiro preto, líder e guerreiro que lutou muito nos grupos de resistência do povo Xakriabá. Um exemplo de resistência e de guerreiro. Sempre está à frente das lutas pelos direitos do seu povo.

Bibliografia:

<http://memoriasdaditadura.org.br/origens-do-golpe/index.html>. Último acesso 07/05/2018.

FREITAS, E.B (2011). *A Guarda Indígena Rural – GRIN. Aspectos da Militarização da Política indigenista no Brasil*. Em Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo.

OLIVEIRA, A (2017). *Xakriabá interpelado: indianidade, mistura e fronteiras da colonialidade*, em Revista de Estudos em Relações Interétnicas, São Paulo, SP.

REIS, D.A. (2004). *O Golpe e a Ditadura Militar – 60 anos depois (1964-2004)*. Edusc.

XAKRIABÁ (1997). *O Tempo Passa e a História Fica*. MEC, Brasil.

SANTOS, R. e BARBOSA, S. 2012. *Memória Xakriabá: migração e mudanças alimentares*. Em Ateliê Geográfico, v. 6, n. 3. Goiânia, GO.